

PODES BEBER ESTE CÁLICE?



HENRI J. M. NOUWEN

Editado por 

PODES BEBER ESTE CÁLICE?

HENRI J. M. NOUWEN

Tradução por IA (ChatGPT)
do texto *em espanhol*

Agradecimentos

Era domingo, 21 de julho de 1957. Bernard Alfrink, cardeal arcebispo da Holanda, impôs as mãos sobre a minha cabeça, revestiu-me com uma casula branca e ofereceu-me o seu cálice dourado para que eu o tocasse com as minhas mãos presas, palma com palma, por uma fita de linho. Depois, juntamente com outros vinte e sete candidatos, fui ordenado sacerdote na catedral de Santa Catarina, em Utrecht. Nunca esquecerei as profundas emoções que invadiram o meu coração naquele momento.

Desde os seis anos que sentia um grande desejo de ser sacerdote. Se excetuarmos algumas fantasias, sobretudo a ideia de ser capitão da marinha — deslumbrado pelo aspeto daqueles homens com os seus uniformes brancos e azuis e os seus galões dourados a desfilar na estação da nossa cidade —, sempre sonhei com a possibilidade de celebrar a missa, como fazia o meu tio Antón.

A minha avó materna foi o meu grande apoio. Mulher perspicaz nos negócios, tinha construído um grande armazém onde a minha mãe trabalhava algumas horas a tratar da contabilidade, e onde eu podia correr à vontade, usar os elevadores livremente e brincar às escondidas com o meu irmão mais novo. Assim que percebeu o início da minha vocação sacerdotal, mandou o carpinteiro do armazém construir-me um altar à minha medida e pediu à costureira que fizesse as vestes litúrgicas necessárias para que eu pudesse brincar a ser padre. Quando fiz oito anos, tinha transformado o sótão da nossa casa numa capelinha de crianças, onde “celebrava” a missa, pregava aos meus pais e familiares, e onde organizei toda uma hierarquia de bispos, sacerdotes, diáconos e acólitos entre os meus amigos.

Entretanto, a minha avó não só continuou a oferecer-me novas coisas para brincar a ser sacerdote, como cálices e patenas, mas também me introduziu, com delicadeza, na vida de oração e incentivou a minha relação pessoal com Jesus.

Quando completei doze anos, quis entrar no seminário menor, mas tanto o meu pai como a minha mãe acharam que eu era demasiado novo para deixar o lar. «Não estás preparado para tomar uma decisão sobre o sacerdócio», fez-me ver o meu pai. «É melhor esperares até fazeres dezoito anos.» Chegou 1944 e os meus pais queriam que eu frequentasse o liceu da nossa cidade, perto de Amesterdão. A II Guerra Mundial tinha chegado a um ponto crítico, mas os meus pais conseguiram manter o meu irmão e a mim afastados daqueles horrores, e até garantir que tivéssemos uma vida escolar bastante aceitável, tendo em conta as circunstâncias. Depois da guerra mudámo-nos para Haia, onde concluí o Bacharelato. Finalmente, em 1950, entrei no seminário para estudar filosofia e teologia e preparar-me para a ordenação.

Neste 21 de julho de 1957, quando se realizou o meu sonho tão longamente acalentado de ser sacerdote, eu era um jovem ingénuo de vinte e cinco anos. Tinha levado uma vida muito protegida. Crescera como um jardim muito cuidado e rodeado por uma boa vedação. Era o jardim dos cuidados dos meus pais; as minhas experiências eram todas inocentes: as de um rapaz dos escuteiros, de missa e comunhão diárias, longas horas de estudo com professores muito pacientes, e muitos anos de vida de seminário, feliz mas isolada. Fruto de tudo isso foi um intenso amor por Jesus e um desejo inconténível de anunciar o Evangelho ao mundo, mas não tinha plena consciência de que nem todos nesse mundo estavam à minha espera. Só tinha tido alguns contactos com protestantes, e sempre com muito cuidado. Nunca me tinha encontrado com pessoas não crentes e, certamente, não fazia ideia das outras religiões. Desconhecia por completo pessoas divorciadas e, se havia alguns sacerdotes que tinham abandonado o ministério, eu mantinha-me afastado deles. O maior escândalo que tinha vivido fora o de um amigo que deixou o seminário!

O jardim da minha juventude continuava a ser muito belo e ofereceu-me dons inapreciáveis para o resto da minha vida: alegria espiritual, uma profunda devoção a Jesus e a Maria, um verdadeiro desejo de rezar e um grande amor pela teologia e pela espiritualidade; um bom conhecimento das línguas modernas, um sério interesse pela Sagrada Escritura e pelos primeiros escritores cristãos, um entusiasmo pela pregação e um forte sentido da minha vocação. A minha avó materna, os meus avós paternos, os

meus pais, amigos e professores — todos me incentivaram a aprofundar o meu desejo de viver a minha vida com Jesus e para os outros.

Quando o cardeal Alfrink me entregou o cálice, senti-me preparado para começar a minha vida como sacerdote. A alegria daquele dia continua viva em mim como uma memória preciosa. O cálice foi o sinal dessa alegria.

A maioria dos meus colegas de curso mandou fazer cálices especialmente fabricados para a sua ordenação. Eu fui uma exceção. O meu tio Antón, que fora ordenado em 1922, ofereceu-me o seu cálice como sinal da sua gratidão a Deus por haver sido ordenado sacerdote mais um membro da família. O cálice era belíssimo, obra de um famoso ourives holandês e adornado com diamantes da minha avó. O pé estava decorado com um crucifixo em forma de árvore da vida, do qual brotavam cachos e folhas de videira que envolviam o pé e a taça. À volta do círculo da base estavam gravadas palavras em latim: *Ego sum vitis, vos palmites*, que querem dizer: «Eu sou a videira, vós sois os ramos».

Foi um presente maravilhoso e emocionei-me ao recebê-lo. Lembro-me de ter dito ao meu tio: «Vi-te celebrar Missa tantas vezes com este cálice! Consegues celebrá-la com outro?». Ele sorriu e respondeu: «Quero que o tenhas tu. É um presente da tua avó, que morreu demasiado cedo para te ver tornar-te sacerdote, mas cujo amor pelo seu neto mais velho está contigo neste dia.» E, vendo que eu ainda hesitava em aceitá-lo, insistiu: «Fica com ele, mas entrega-o ao próximo membro da família que for ordenado sacerdote».

O cálice continua comigo porque, até hoje, ninguém da minha família foi ordenado sacerdote. Guardo-o na sacristia da capela de Dayspring, em Toronto, onde vivo atualmente. Muitas vezes o mostro a amigos e visitantes. Mas tantas coisas aconteceram durante os trinta e sete anos que se seguiram à minha ordenação, que o cálice do meu tio — uma joia de ourivesaria — já não exprime aquilo que vivo neste momento. Agora, nas eucaristias, utilizo grandes taças feitas em Vermont por Simon Pierce, um grande artista do vidro artesanal. O precioso cálice de ouro, que só podia ser tocado e usado por um sacerdote, foi substituído por grandes taças de cristal, nas quais se pode ver o vinho e das quais podem beber muitas pessoas.

Essas taças de cristal falam de uma nova forma de ser sacerdote e de uma nova forma de ser pessoa. Hoje sinto alegria em ter estas taças no altar, mas sem o cálice de ouro que o meu tio Antón me entregou há quase quarenta anos, nunca teriam o valor que têm para mim.

INTRODUÇÃO

A PERGUNTA

Neste livro quero contar-vos a história do cálice. Não se trata da minha história pessoal, mas da história da vida.

Quando Jesus pergunta aos seus amigos Tiago e João, os filhos de Zebedeu: «Podeis beber o cálice de amargura que Eu hei de beber?», faz uma pergunta que aponta diretamente ao coração do meu sacerdócio e da minha vida como pessoa. Há anos, quando segurava nas minhas mãos aquele precioso cálice, não me parecia difícil responder a essa pergunta. A mim, um sacerdote recém-ordenado, cheio de ideias e ideais, a vida parecia-me rica de promessas. Sentia-me impaciente por beber o cálice!

Hoje, sentado diante de uma mesa baixa, rodeado de homens e mulheres com problemas mentais e daqueles que os acompanham, oferecendo-lhes copos de vinho servidos em cristal, a mesma pergunta tornou-se um desafio espiritual: posso, podemos beber o cálice que Jesus bebeu?

Ainda me lembro do dia, há poucos anos, em que se leu na eucaristia a passagem em que Jesus coloca esta pergunta. Eram oito e meia da manhã e cerca de trinta membros da comunidade de Daybreak estavam reunidos na pequena capela do rés-do-chão. De repente, as palavras «podeis beber o cálice?» trespassaram-me os ouvidos como a flecha afiada de um caçador. Soube naquele momento, como fruto de uma iluminação interior, que levar esta pergunta a sério poderia mudar radicalmente as nossas vidas. É a pergunta que tem o poder de abrir, como uma carga de profundidade, um coração endurecido e pôr a descoberto os tendões da vida espiritual.

«Podes beber o cálice? Podes bebê-lo até à última gota? És capaz de saborear todas as tristezas e alegrias? Podes viver a vida na sua plenitude, seja o que for que ela te reserve?» Apercebi-me de que esse era o sentido profundo da pergunta.

Mas por que devemos beber este cálice? Há tanta dor, tanta angústia, tanta violência! Por que devemos bebê-lo? Não seria muito mais fácil vivermos as nossas vidas normalmente, com um mínimo de sofrimento e um máximo de prazer?

Depois da leitura, peguei espontaneamente num dos grandes copos de cristal que estavam sobre a mesa à minha frente e, olhando para aqueles que me rodeavam — alguns dos quais mal conseguiam andar, falar, ouvir ou ver —, disse: «Podemos segurar o cálice da vida nas nossas mãos? Podemos levantá-lo para que os outros o vejam e podemos bebê-lo até ao fundo?». Beber o cálice é muito mais do que engolir o seu conteúdo, seja ele qual for, assim como partilhar o pão é muito mais do que dividir uma broa. Beber o cálice da vida exige mantê-lo firmemente entre as mãos, erguê-lo e bebê-lo. É a celebração plena de sermos humanos.

Podemos segurar a nossa vida, elevá-la e bebê-la, como fez Jesus? Em alguns dos que me rodeavam percebia-se que entendiam o que estava a ser dito, mas em mim deu-se um conhecimento profundo da verdade. A pergunta de Jesus inspirou-me uma nova linguagem para falar da minha vida e da vida dos que me rodeiam. Durante muito tempo, depois daquela simples eucaristia matinal, continuei a ouvir a pergunta de Jesus: «Podeis beber o cálice de amargura que vou beber?». Só deixar que essa pergunta penetrasse em mim já me deixava profundamente inquieto. Mas percebi que tinha de começar a viver com ela.

Este livro é fruto dessa decisão. Pretende que a pergunta de Jesus atravesse os nossos corações, para que neles possa nascer uma resposta pessoal. Seguirei os três elementos que surgiram naquela manhã na capela de Daybreak: tomar o cálice, erguê-lo e bebê-lo. Eles permitir-me-ão descobrir os horizontes espirituais que a pergunta de Jesus nos abre e convidar-vos, que ides ler este livro, a unir-vos a mim nesta descoberta.

PRÓLOGO

O CÁLICE E A TAÇA

Era domingo, 21 de julho de 1957. Bernard Alfrink, cardeal-arcebispo da Holanda, impôs-me as mãos sobre a cabeça, revestiu-me com uma casula branca e ofereceu-me o seu cálice dourado para que o tocasse com as minhas mãos atadas, palma com palma, por uma fita de linho. Depois, juntamente com outros vinte e sete candidatos, fui ordenado sacerdote na catedral de Santa Catarina, em Utrecht. Nunca esquecerei as profundas emoções que inundaram o meu coração naquele momento.

Desde os seis anos que sentia um grande desejo de ser sacerdote. Se excetuarmos algumas veleidades ligadas sobretudo à ideia de ser capitão da marinha — deslumbrado pelo aspeto daqueles homens com os seus uniformes brancos e azuis e os seus galões dourados a desfilar na estação da nossa cidade — sempre sonhei com a possibilidade de celebrar a Missa, como fazia o meu tio Antón.

A minha avó materna foi o meu grande apoio. Mulher astuta nos negócios, tinha construído um grande armazém onde a minha mãe trabalhava algumas horas a fazer a contabilidade e onde eu podia correr à vontade, usar livremente os elevadores e brincar ao escondidas com o meu irmão mais novo. Mal descobriu o início da minha vocação sacerdotal, mandou o carpinteiro do armazém construir-me um altar à minha medida e pediu à sua costureira que fizesse as vestes eclesiásticas necessárias para que eu pudesse brincar a ser sacerdote.

Quando completei oito anos, tinha transformado o sótão da nossa casa numa capela infantil, onde brincava a celebrar Missa, pregava aos meus pais e familiares e onde organizei toda uma hierarquia de bispos, sacerdotes, diáconos e acólitos entre os meus amigos. Entretanto, a minha avó não só continuou a oferecer-me novos objetos para “brincar a ser padre”, como cálices e patenas, mas também me introduziu com delicadeza na vida de oração e incentivou as minhas relações pessoais com Jesus.

Quando fiz doze anos, quis entrar no seminário menor, mas tanto o meu pai como a minha mãe acharam que eu era demasiado jovem para deixar o lar. «Não estás preparado para tomar uma decisão sobre o sacerdócio», fez-me refletir o meu pai. «É melhor esperares até fazeres dezoito.»

Chegou 1944 e os meus pais queriam que eu frequentasse o liceu da nossa cidade, perto de Amesterdão. A Segunda Guerra Mundial tinha chegado a um ponto crítico, mas os meus pais conseguiram manter-me a mim e ao meu irmão afastados desses horrores e até nos proporcionaram uma vida escolar bastante aceitável dadas as circunstâncias. Depois da guerra mudámo-nos para Haia, onde concluí o Ensino Secundário. Finalmente, em 1950, ingressei no seminário para estudar filosofia e teologia e preparar-me para a ordenação.

Nesse 21 de julho de 1957, quando o meu sonho longamente acalentado de ser sacerdote se tornou realidade, eu era um jovem ingénuo de vinte e cinco anos. Tinha vivido uma vida extremamente protegida. Crescera como um jardim muito bem cuidado e cercado por uma sólida vedação. Era o jardim dos cuidados dos meus pais; as minhas experiências eram todas inocentes: as de um rapaz de escuteiros, de Missa e Comunhão diárias, longas horas de estudo com professores muito pacientes e muitos anos de vida no seminário — feliz, mas isolada.

Fruto de tudo isso foi um amor intenso por Jesus e um desejo irreprimível de anunciar o Evangelho ao mundo, mas eu não tinha plena consciência de que nem todos no mundo estavam à minha espera. Só tinha tido alguns contactos com protestantes, sempre com grande cautela. Nunca me tinha encontrado com pessoas não crentes e, certamente, não tinha qualquer ideia sobre outras religiões. Desconhecia completamente pessoas divorciadas e, se havia sacerdotes que tinham abandonado o sacerdócio, eu mantinha-me afastado deles. O maior escândalo que tinha vivido fora o de um amigo que deixou o seminário!

I

TOMAR O CÁLICE

1. TOMAR ENTRE AS MÃOS

Antes de beber o cálice, devemos pegá-lo com ambas as mãos!

Ainda me lembro de um almoço de família há muito tempo, na Holanda. Tínhamo-nos reunido para celebrar algo muito especial, embora já não me recorde se era um aniversário, um casamento ou um aniversário de boda. Como ainda era pequeno, não me deixavam beber vinho, mas eu ficava fascinado com a forma como os adultos o bebiam! Depois de o vinho ser servido, o meu tio pegou na sua taça com as duas mãos e levantou-a ao nível do rosto. Depois, movendo suavemente a taça e o seu conteúdo, deixou que o aroma lhe enchesse as narinas, olhou para todos os que estavam à mesa, tomou um pequeno gole e disse: «Muito bom... Um vinho excelente... Deixem-me ver a garrafa... Deve ser dos anos cinquenta».

Era o meu tio Antón, o irmão mais velho da minha mãe, sacerdote, monsenhor, uma autoridade em muitas coisas — entre elas, na qualidade dos vinhos. Sempre que o tio Antón participava nos almoços de família, fazia um ou dois comentários sobre o vinho que era servido. Costumava dizer: «tem muito corpo», ou «não é o que eu esperava», ou «poderia ser um pouco mais forte», ou «excelente para o assado», ou «bem, está bem para o peixe». As suas críticas nem sempre agradavam ao meu pai, que era quem fornecia o vinho para a mesa, mas ninguém se atrevia a contrariá-lo. Quando eu era ainda quase um menino, todo o ritual à volta do vinho deixava-me intrigado. Muitas vezes, os meus irmãos e eu trocávamos do meu tio, dizendo: «Então, tio Antón, consegues saber o ano em que este vinho foi feito sem olhar para o rótulo? És um perito, não és?».

Tirei uma conclusão de todo aquele cerimonial: beber vinho é mais do que simplesmente beber. Tens de saber que tipo de vinho estás a beber e de ser capaz de falar sobre ele. Da mesma maneira, não basta viver a vida. Devemos saber o que estamos a viver. Uma vida sobre a qual não refletimos

não vale a pena ser vivida. Pertence à essência do ser humano contemplar a própria vida, pensar nela, discuti-la, avaliá-la e formar as nossas próprias opiniões sobre ela. Metade da vida consiste em refletir sobre aquilo que estamos a viver. É valiosa? É boa? É nova? O que é, afinal? A maior alegria — assim como a maior dor — de viver não é apenas consequência do que vivemos, mas também, e ainda mais, do que pensamos e sentimos acerca da forma como vivemos. Pobreza e riqueza, sucesso ou fracasso, beleza ou fealdade não são exatamente factos da vida.

São realidades vividas de maneira diferente por pessoas distintas, dependendo do lugar que essas realidades ocupam num quadro mais amplo de coisas reais ou sonhadas. Uma pessoa pobre que compara a sua pobreza com a riqueza do vizinho, e pensa na enorme diferença que existe entre os dois, vive a sua pobreza de uma forma muito diferente daquela que não tem um vizinho rico ao lado e nunca teve a possibilidade de comparar a sua condição com a situação privilegiada do rico. A reflexão é essencial para o crescimento, o desenvolvimento e a mudança. É o único poder próprio da pessoa humana.

Sustentar firmemente nas mãos o cálice da vida significa olhar com sentido crítico para aquilo que estamos a viver. Isto exige grande coragem, pois o que aí vemos pode assustar-nos. Podem surgir perguntas para as quais não temos respostas. Podem nascer dúvidas sobre realidades que antes nos pareciam absolutamente seguras. O medo pode estar escondido, pronto a saltar-nos ao rosto a partir dos recantos mais inesperados da nossa alma. Somos tentados a dizer a nós próprios: «Vamos simplesmente viver a vida. Pensar demasiado só a torna mais difícil». Mas sabemos, por intuição, que se não olharmos a vida de forma crítica, perderemos visão e orientação. Quando bebemos o cálice sem antes o termos segurado entre as mãos, podemos embriagar-nos e andar de um lado para o outro sem direção e sem sentido.

Manter firmemente nas mãos o cálice da vida é uma disciplina exigente. Somos pessoas sedentas e gostamos de começar a beber imediatamente. Mas precisamos de travar esse impulso, colocar ambas as mãos em torno do cálice e perguntar: «O que é que me está a ser dado a beber? O que contém

o meu cálice? É algo sem risco? É bom para mim? Vai fortalecer a minha saúde?».

Assim como existe uma infinidade de vinhos, também há uma variedade incalculável de vidas. Não há duas vidas iguais. Muitas vezes comparamos a nossa vida com a dos outros e tentamos perceber se são melhores ou piores, mas essas comparações pouco nos ajudam. Temos de viver a nossa própria vida, não a dos outros. Temos de segurar firmemente o nosso próprio cálice. Temos de ousar dizer: «Esta é a minha vida, a que me foi dada, e é esta a vida que tenho de viver o melhor que puder. A minha vida é única. Ninguém mais viverá esta minha vida. Tenho a minha própria história, a minha própria família, o meu próprio corpo, o meu próprio caráter, os meus próprios amigos, a minha própria maneira de pensar, de falar e de agir. Sim, tenho de viver a minha própria vida. Ninguém tem diante de si o mesmo desafio que eu. Estou só, porque sou único. Muitas pessoas podem ajudar-me a viver a minha vida, mas, depois de tudo ser dito e feito, tenho de fazer as minhas próprias escolhas sobre como viver.»

É difícil dizermos isto a nós mesmos porque, ao fazê-lo, enfrentamos a nossa própria solidão. Mas, ao mesmo tempo, é um desafio maravilhoso porque carrega consigo o privilégio da nossa unicidade.

Lembro-me agora da extraordinária escultura de Philip Sear do indígena americano Pumunangwet, no Fruitlands Museums, em Harvard, Massachusetts. Está de pé, com o corpo escultural, nu e ereto, cingido apenas por um pano de linho. Segura o arco com a mão esquerda, muito acima da cabeça, apontado ao céu. Na mão direita permanece vivo o gesto da flecha que acaba de lançar em direção às estrelas. Está totalmente presente a si mesmo, firmemente enraizado no solo e absolutamente livre para apontar muito para além de si. Sabe quem é. Orgulha-se de ser o guerreiro solitário, chamado a cumprir uma missão sagrada. Revela uma atitude de profundo domínio de si.

Tal como este guerreiro, devemos segurar o nosso cálice, estar plenamente conscientes de quem somos e daquilo a que somos chamados a viver. Então, também nós poderemos apontar às estrelas!

2. A TAÇA DA DOR

Quando cheguei pela primeira vez à comunidade da Arca de Daybreak, vi muita tristeza, muito sofrimento.

Pediram-me que cuidasse do Adam, um jovem de vinte e dois anos que não conseguia falar nem caminhar sozinho e que, pelo menos aparentemente, não reconhecia ninguém. Encurvado, sofria crises epiléticas quase diariamente e padecia de frequentes dores intestinais. Quando encontrei o Adam pela primeira vez, senti medo. As suas impressionantes limitações físicas faziam-me vê-lo como alguém estranho a mim, um homem que eu desejava evitar.

Pouco depois, conheci também o seu irmão Michael. Embora o Michael conseguisse falar um pouco e andar sem ajuda, e até realizar pequenos trabalhos sozinho, era igualmente um homem com enormes limitações e necessitava de atenção constante durante todo o dia. Adam e Michael eram os únicos filhos de Jeanne e Rex.

O Michael viveu em casa até completar vinte e cinco anos e o Adam até aos dezoito. Jeanne e Rex teriam gostado de continuar a cuidar dos filhos em casa. Mas a idade tornara-os fisicamente incapazes de o fazer. Por isso os confiaram à comunidade d'A Arca de Daybreak, certos de que ali encontrariam um bom lar.

Sentia-me profundamente abalado ao pensar na dor daquela pequena família. Quatro pessoas destroçadas pela angústia e pelo sofrimento, pelo medo de complicações inesperadas, pela incapacidade de comunicar claramente, pelo peso de uma grande responsabilidade e pela convicção de que a vida, à medida que os anos passassem, se tornaria cada vez mais difícil.

Mas Adam, Michael e os seus pais faziam parte de uma dor ainda maior. Ali estava o Bill, que devido à sua distrofia muscular necessita de um tranquilizante cardíaco, de uma máquina de respiração assistida durante toda a noite e que vive constantemente aterrorizado pelo medo de cair. Não tem pais que o visitem. Nunca puderam cuidar dele e ambos morreram relativamente cedo.

Está o Tracy, completamente paralisado, mas com uma mente brilhante, sempre a lutar para exprimir os seus sentimentos e pensamentos. E a Susanne, que não só tem uma deficiência intelectual, como também se sente atormentada por vozes interiores que não consegue dominar. E a Loretta, cuja deficiência a leva a sentir que ninguém gosta dela — nem a família nem os amigos. A sua busca de afeto e afirmação afunda-a, por vezes, em profunda desesperação e depressão. E o David, o Francis, o Patrick, a Janice, a Carol, o Gordie, o George, a Patsy... Todos eles têm o seu cálice cheio de sofrimento.

À sua volta estão homens e mulheres de idades diferentes, de diversos países e religiões, que procuram ajudar estas pessoas tão feridas. Mas depressa descobrem que aqueles a quem cuidam lhes revelam as suas próprias dores — menos visíveis, mas não por isso menos reais: famílias desfeitas, insatisfações afectivas, alienação espiritual, dúvidas sobre o caminho profissional a seguir e, na maioria deles, relações complicadas com os seus próprios mundos. Quanto mais olham para os seus passados feridos e enfrentam os seus futuros incertos, tanto mais conscientes se tornam da quantidade de dor que enche as suas vidas.

E, para mim, as coisas não são muito diferentes. Depois de viver dez anos com pessoas com deficiências mentais e com aqueles que delas cuidam, tornei-me profundamente consciente de que o meu coração é também um charco escuro e turvo de dor.

Houve um tempo em que eu chegava a dizer: «Para o ano tudo fará sentido para mim»; ou «quando amadurecer um pouco mais, estes momentos de escuridão interior desaparecerão»; ou «a idade fará diminuir as minhas necessidades emocionais». Mas agora tenho plena consciência de que os meus sofrimentos são meus e de que não me abandonarão. Na verdade, sei que são sofrimentos muito antigos e muito profundos, e que não haverá pensamentos positivos suficientes para os atenuar. A luta adolescente por encontrar alguém que me amasse continua em mim. As necessidades de afirmação não satisfeitas, próprias da juventude adulta, permanecem vivas em mim. A morte da minha mãe, de familiares e de amigos nos últimos anos causa-me uma dor constante. E, além de tudo isto, experimento uma tristeza profunda ao reconhecer que não me tornei aquilo

que sonhei ser, e que o Deus a quem tanto rezei não me deu aquilo que eu mais desejei.

Mas que é a nossa dor, numa pequena comunidade do Canadá, comparada com a dor da cidade, do país e do mundo? E a dor das pessoas sem lar, que pedem esmola nas ruas de Toronto? E dos jovens, rapazes e raparigas, que morrem de sida? E das milhares de pessoas que vivem em prisões, hospitais psiquiátricos e centros para doentes incuráveis? E as famílias desfeitas, os desempregados e o número incontável de pessoas com deficiência, homens e mulheres, que não têm um lugar seguro como Daybreak?

E, quando olho para além das fronteiras da minha cidade e do meu país, o panorama da dor torna-se ainda mais assustador. Vejo crianças órfãs de pai e mãe, abandonadas nas ruas de São Paulo como matilhas de lobos; vejo jovens, rapazes e raparigas, vendidos para prostituição em Banguecoque; vejo prisioneiros de guerra, esqueléticos, na antiga Jugoslávia. Vejo os corpos nus de inúmeras pessoas na Etiópia e na Somália, vagueando pelos desertos. Vejo também milhões de rostos solitários e famintos em todo o mundo, e montes enormes de pessoas assassinadas em guerras cruéis, fruto de conflitos étnicos. De quem é este cálice? É o nosso cálice, o cálice do sofrimento humano. Para cada um de nós, os nossos sofrimentos são profundamente pessoais. Contudo, na realidade, os nossos sofrimentos são também universais.

Agora olho para o Varão das Dores. Está suspenso numa cruz, de braços abertos. É Jesus, condenado por Pôncio Pilatos, crucificado por soldados romanos e ridicularizado tanto por judeus como por gentios. Mas trata-se também de nós, de toda a raça humana, pessoas de todos os tempos e lugares, arrancadas da terra como um espetáculo de agonia para os olhos de todo o universo. Como disse Jesus: «E Eu, quando for elevado da terra, atrairei todos a Mim» (Jo 12,32). Jesus, o Varão das Dores, e nós, homens e mulheres de dores, como Ele, estamos ali suspensos, entre o céu e a terra, clamando: «Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?».

«Podeis beber o cálice de amargura que Eu hei de beber?», perguntou Jesus aos Seus amigos. Eles responderam que sim. Mas não faziam ideia do peso de sofrimento que comportava uma resposta afirmativa. O cálice de

Jesus é o cálice do sofrimento, não apenas dos Seus próprios sofrimentos, mas dos de toda a humanidade. É um cálice cheio de angústias físicas, mentais e espirituais. É o cálice da fome, da tortura, da solidão, da rejeição, do abandono e da mais profunda angústia. É o cálice cheio de amargura. Quem quererá bebê-lo? É o cálice de que fala Isaías ao dizer: «Tu, que bebeste da mão do Senhor o cálice da sua ira, e esgotaste até às fezes o copo do atordoamento» (Is 51,17), e que o segundo anjo do Apocalipse chama «o vinho da sua devassidão desenfreada» (14,8), que a Babilónia dá a beber ao mundo inteiro.

Quando chegou a hora de Jesus beber o cálice, Ele disse: «Sinto uma tristeza mortal» (Mt 26,38). A Sua agonia foi tão intensa que «o suor Lhe caiu até ao chão como grossas gotas de sangue» (Lc 22,44). Os Seus amigos íntimos, Tiago e João — os mesmos a quem perguntara se podiam beber o cálice de amargura que Ele iria beber — estavam ali com Ele, mas profundamente adormecidos, incapazes de permanecer acordados no Seu sofrimento. Na sua imensa solidão, caiu com o rosto por terra e gritou: «Meu Pai, se é possível, afasta de Mim este cálice de amargura» (Mt 26,39). Jesus não conseguia enfrentá-lo. Era um peso insuportável de sofrimento. Demasiada dor para suportar, demasiado sofrimento para abraçar, demasiada agonia para atravessar. Sentiu que não podia beber até ao fim aquele cálice cheio de amargura.

Como pôde continuar a dizer sim? Sinto-me incapaz de responder plenamente a esta pergunta. Só posso dizer que, para além do abandono total que vivia física e espiritualmente, Jesus mantinha um vínculo espiritual com Aquele a quem chamava Abba. Confiava para além da traição, vivia uma entrega mais forte do que a desesperação, um amor que ultrapassava todos os medos. Essa intimidade — que superava todas as intimidades humanas — tornou possível que Jesus transformasse o pedido de afastamento do cálice numa oração dirigida Àquele que O chamara «meu amado». Embora vivesse essa angústia na sua suprema intensidade, esse vínculo não se tinha quebrado. Não O sentia no corpo, nem o experimentava na mente. Mas estava ali, para além de todo o sentimento e de todo o pensamento, sustentando a comunicação apesar — e para além — de toda a rutura.

Foi esse tendão espiritual, essa comunhão íntima com o Pai, que Lhe permitiu manter o cálice entre as mãos e rezar: «Meu Pai, não se faça o que Eu quero, mas o que Tu queres» (Mt 26,39).

Jesus não atirou o cálice para longe num gesto de desespero. Não. Agarrou-o com as mãos e desejou bebê-lo até às borras. Não foi uma prova de força de vontade, uma decisão firme ou um gesto de grande heroísmo. Foi um profundo e espiritual sim ao Abba, ao amante do Seu coração ferido.

Quando contemplo o meu próprio coração ferido, quando penso na minha pequena comunidade de pessoas com deficiências psíquicas e nos seus cuidadores, quando vejo os pobres de Toronto, assim como a dor imensa dos homens, mulheres e crianças espalhados pelo planeta, pergunto-me onde deve nascer esse grande sim. No meu próprio coração e nos corações dos meus irmãos oiço o grito incontido: «Ó Deus, se é possível, afasta de mim este cálice de amargura». Oiço-o na voz do jovem com sida que pede esmola na rua Yonge para poder comer, nos gritos quase inaudíveis das crianças famintas, no clamor dilacerante dos prisioneiros torturados, nos gritos de revolta dos que protestam contra a proliferação nuclear e a favor do equilíbrio ecológico do planeta, e nos apelos incessantes em favor da justiça e da paz em todo o mundo. É uma oração que se eleva a Deus, não como incenso, mas como uma chama devoradora.

Onde poderá nascer em nós esse grande sim? «Faça-se como Tu queres, não como eu quero». Quem pode dizer sim quando não ouviu a voz do amor? Quem pode dizer sim quando não existe um Abba a quem se dirigir? Quem pode dizer sim quando não há um único momento de consolo?

No meio da oração angustiada de Jesus, pedindo ao Pai que afastasse de Si aquele cálice de amargura, houve um instante de consolo. Apenas o evangelista Lucas o menciona. Ele diz: «Então apareceu-Lhe um anjo do céu que O confortava» (Lc 22,43). No meio das dores, há consolo; no meio das trevas, há luz; no meio da desesperação, existe esperança; no coração da Babilónia, entrevê-se Jerusalém; no meio do exército dos demónios, há um anjo consolador.

O cálice da amargura, que parece inconcebível e impossível de suportar pelo seu peso, é também o cálice da alegria. Só quando o descobrimos na nossa própria vida podemos pensar em bebê-lo.

3. A TAÇA DA ALEGRIA

Depois dos meus nove anos na comunidade de Daybreak, o Adam, o Michael, o Bill, o Tracy, a Susanne, a Loretta, o David, o Francis, o Patrick, a Janice, a Carol, o Gordie, o George e muitos outros que formam o núcleo da nossa comunidade tornaram-se meus amigos. Mais do que amigos, são uma parte íntima da minha vida quotidiana. Embora continuem tão diminuídos como quando os encontrei pela primeira vez, raramente penso neles como pessoas com deficiência. Penso neles como irmãos e irmãs com quem partilho a minha vida. Rio-me com eles, choro com eles, como com eles, vou ao cinema com eles, rezo e celebro com eles; numa palavra, vivo a minha vida com eles. E encham-me de uma alegria imensa.

Depois de cuidar do Adam durante alguns meses, deixou de me causar medo. Acordá-lo de manhã, dar-lhe banho, lavar-lhe os dentes, barbeá-lo e servir-lhe o pequeno-almoço criou entre nós um vínculo tão forte — um vínculo para além das palavras e dos sinais visíveis de gratidão — que comecei a sentir a sua falta quando não podíamos estar juntos. O tempo que passava com ele tornou-se um tempo de oração, de silêncio e de íntima tranquilidade.

O Adam tinha-se tornado um criador de paz para mim, um homem que me amava e em quem confiava, mesmo quando eu preparava a água para o seu banho demasiado fria ou demasiado quente, quando o cortava com a máquina de barbear ou quando lhe preparava uma roupa claramente inadequada. Deixaram de me assustar os seus ataques epiléticos. Simplesmente me obrigavam a parar, a esquecer outros trabalhos que tinha para fazer e a ficar com ele, cobrindo-o com mantas grossas para o manter quente. A sua dificuldade em andar, a sua lentidão ao fazê-lo já não me irritavam, mas davam-me a oportunidade de permanecer de pé atrás dele, de o abraçar e de lhe falar com palavras carinhosas enquanto dava um passo após outro.

O facto de entornar um copo cheio de sumo de laranja ou de deixar cair ao chão a colher cheia de comida já não me causava qualquer medo, mas convidava-me simplesmente a limpá-lo. Conhecer o Adam foi um privilégio para mim. Quem pode sentir-se tão próximo de um ser humano como eu me sentia do Adam? Quem pode passar algumas horas por dia com um homem que se confia e que se entrega totalmente? Não é isso a alegria?

E o Michael, o irmão do Adam, que grande presente veio a ser a sua amizade! Era o único na comunidade que me chamava «padre Henri». Sempre que o dizia, surgia-lhe um sorriso no rosto, sugerindo que ele também deveria ser padre. Com a sua voz vacilante, trémula, dizia uma e outra vez, apontando para a longa estola à volta do meu pescoço: «Eu... quero... isso... também... padre». Quando o Michael fica triste porque o irmão está doente, ou porque ele próprio sofre sérios incómodos físicos, ou porque alguém de quem gosta parte, vem ter comigo, abraça-me e chora como uma criança. Depois, passado um bocado, agarra-me pelos ombros, olha para mim e, com um sorriso que lhe surge no rosto marcado pelas lágrimas, diz: «És... um... padre... divertido».

Quando rezamos juntos, muitas vezes aponta para o coração e diz: «Sinto... aqui... aqui, no meu coração». E quando apertamos as mãos, desse gesto brota uma imensa alegria, fruto da dor partilhada.

O Bill, esse homem com tantos altos e baixos físicos e psíquicos na sua vida, tornou-se um companheiro de quem já não posso prescindir. Muitas vezes acompanha-me nas viagens em que dou conferências. Fomos a Washington, Nova Iorque, Los Angeles e a muitos outros lugares durante anos, e para onde quer que vamos, a presença cheia de alegria do Bill é tão importante como as minhas múltiplas palavras. O Bill adora contar anedotas. Com a sua forma simples, direta, espontânea, entretém as pessoas durante horas, seja um auditório de ricos ou pobres, dignitários ou gente comum, bispos ou empregados de mesa, deputados ou ascensoristas. Para o Bill, todos são importantes e todos merecem...

Mas, por vezes, o Bill sente que a sua dor é demasiado grande para a poder suportar. Em algumas ocasiões, quando fala do Adam, que sofre de uma incapacidade total para se expressar, ou da Tracy, que não pode andar, desata num choro inconsolável. Depois coloca as mãos nos meus ombros e

chora abertamente, sem qualquer reserva. E, passado um pouco, o sorriso regressa-lhe ao rosto e continua a história.

E aí está o sorriso radiante da Tracy quando algum amigo a vem visitar, os cuidados delicadíssimos da Loretta para tratar daqueles que estão mais diminuídos do que ela, e as inúmeras formas com que o David, a Janice, a Carol, o Gordie, o George e outros se ajudam, cuidando-se mutuamente. Todos eles são fontes autênticas de alegria.

Não é de admirar que muitos homens e mulheres jovens de todo o mundo queiram vir a Daybreak para estar perto destas pessoas tão especiais. Sim, vêm para cuidar delas, para atender às suas necessidades. Mas ficam porque aqueles a quem vieram cuidar os inundam de uma alegria e de uma paz que não encontraram em nenhum outro lugar.

Evidentemente, os membros diminuídos de Daybreak colocam-nos em contacto com as suas próprias limitações, com as suas feridas internas e com as suas tristezas, mas a alegria que nasce de viverem juntos, imersos no companheirismo dos fracos, torna a dor não apenas tolerável, mas uma fonte de gratidão.

A minha própria vida nesta comunidade tem sido imensamente alegre, embora nunca tenha sofrido tanto, nunca tenha chorado tanto e nunca tenha passado tanta angústia como em Daybreak. Em nenhum lugar fui conhecido tão profundamente como nesta pequena comunidade. É-me totalmente impossível esconder a minha impaciência, a minha ira, a minha frustração e a minha depressão entre pessoas que estão tão em contacto com a sua própria fragilidade. As minhas necessidades de amizade, de afeto e de afirmação são evidentes para todos.

Nunca experimentei tão profundamente que a verdadeira natureza do sacerdócio é o acompanhamento compassivo dos outros. O sacerdócio de Jesus é descrito na Carta aos Hebreus como uma solidariedade com o sofrimento humano. Hoje, o facto de me chamarem sacerdote desafia-me radicalmente a abandonar toda a distância, a descer de qualquer pedestal, a renunciar a qualquer torre de marfim e a partilhar com simplicidade a minha própria vulnerabilidade com a vulnerabilidade das pessoas com quem vivo.

E que alegria isto representa! A alegria de pertencer, de fazer parte de algo ou de alguém, de não ser diferente.

De alguma forma, a minha vida em Daybreak tornou possível que os meus olhos descobrissem a alegria onde muitos outros não veem mais do que dor. Falar com um homem sem-abrigo numa rua de Toronto já não me parece algo angustiante. De repente, o dinheiro deixou de ser o aspeto fundamental. O que importa mais é: «De onde és? Quem são os teus amigos? O que te aconteceu na vida?». Os olhos encontram-se, as mãos tocam-se, e dá-se, sim, por vezes de uma forma absolutamente inesperada, um sorriso, uma gargalhada franca e um verdadeiro momento de alegria. A dor continua ali presente, mas algo mudou pelo facto de não me limitar a estar diante de alguém, mas de me sentar com ele e partilhar um momento de companheirismo fraterno.

E o imenso sofrimento do mundo? Como pode surgir a alegria nos moribundos, nos famintos, nas prostitutas, nos refugiados e nos prisioneiros? Como se atreve alguém a falar de alegria perante o indizível sofrimento humano que nos rodeia? Mas, aí está ela! A qualquer pessoa que tenha a coragem de aprofundar o sofrimento humano é oferecida uma revelação de alegria, escondida como uma pedra preciosa no muro de uma gruta escura.

Senti uma revelação deste tipo enquanto vivia com uma família muito pobre em Pamplona Alta, um dos “novos bairros” dos subúrbios de Lima. Ali existia a maior pobreza que alguma vez tinha visto, mas quando volto a pensar nos meus três meses com o Pablo, a María e os seus filhos, a minha memória enche-se de alegria, de sorrisos, abraços, jogos simples e dessas tardes intermináveis, todos sentados, entregues a contar histórias. Ali havia alegria, uma verdadeira alegria; não a alegria fruto do sucesso, do progresso ou da solução da sua pobreza, mas a que brota de um espírito humano desperto, inteiramente vivo no meio de factos pequenos, inesperados e cheios de ternura.

Quando a filha de um amigo de Nova Iorque regressou há pouco do Ruanda, onde fizera trabalho de cooperação, apercebi-me com toda a clareza de que aquela mulher tinha visto e vivido algo mais do que o desespero que pode brotar de todos os horrores em que estivera mergulhada.

O seu coração estava profundamente perturbado, mas não destruído. Era capaz de continuar a sua vida nos Estados Unidos com uma dedicação maior em favor da paz e da justiça. As alegrias da vida tinham sido muito mais fortes do que as tristezas da morte.

A taça da vida é a taça da alegria tanto como a taça da amargura. É a taça na qual penas e gozos, tristezas e alegrias, o choro e a dança nunca estão separados. Se a alegria não pudesse estar presente onde há amargura e dor, seria impossível beber a taça da vida. Por isso devemos manter firmemente entre as mãos a taça e olhar com atenção para ver as alegrias escondidas entre as dores.

Podemos ver Jesus como o homem das alegrias? Parece impossível ver alegria num corpo torturado, nu, suspenso numa cruz de madeira, com os braços estendidos. Às vezes, apresenta-se a cruz de Jesus como um trono glorioso no qual se senta um rei. Nesses casos, o corpo de Jesus é mostrado não como um corpo destroçado pela flagelação e pela crucifixão, mas luminoso, belo, com feridas sagradas.

A cruz de São Damião, que falou a São Francisco de Assis, é um bom exemplo. Mostra-nos Cristo crucificado como um Jesus vitorioso. A cruz está rodeada por esplêndidos adornos de ouro; o corpo de Jesus é um corpo humano perfeito, imaculado; a trave horizontal da qual pende está pintada como o túmulo aberto de onde Jesus se levanta, e todos os que estão reunidos ao pé da cruz com Maria e João estão cheios de alegria. Na parte superior podemos ver a mão de Deus, rodeada de anjos, a introduzir novamente Jesus no Céu. Esta é uma cruz de ressurreição, na qual vemos Jesus elevado à glória.

As palavras de Jesus «quando for levantado da terra, atrairei todos a mim» (Jo 12,32) referem-se não somente à sua crucifixão, mas também à sua ressurreição. Ser elevado significa não só ser elevado como crucificado, mas também como ressuscitado. Fala-nos não só de agonia, mas também de êxtase; não só de dor, mas também de alegria.

Jesus deixa isto bem claro quando diz: «Assim como Moisés levantou a serpente de bronze no deserto, também o Filho do Homem deve ser levantado, para que todo o que acreditar nele tenha a vida eterna» (Jo 3,13-

14). O que Moisés levantou no deserto como estandarte foi uma serpente de bronze: «E todos os que forem mordidos e a olharem ficarão curados» (Num 21,8-9). A cruz de Jesus é também estandarte de cura, não para sarar feridas físicas, mas para curar a condição humana mortal. O Senhor ressuscitado eleva todas as pessoas consigo, para a sua vida nova e eterna.

O Jesus que clama «Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?» (Mt 27,47) exclama também, num gesto de total entrega: «Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito» (Lc 23,46). Jesus, que participou plenamente nas nossas penas, quer que nós partilhemos plenamente com ele a sua alegria. Jesus, o homem cheio de alegria, quer que participemos também dessa mesma alegria.

«Podeis beber a taça de amargura que eu hei de beber?» Quando Jesus perguntou isto a Tiago e a João, e quando eles, impulsivamente, responderam «podemos», Jesus fez esta predição assustadora, mas ao mesmo tempo cheia de esperança: «De facto; haveis de beber a minha taça». A taça de Jesus seria a deles. O que Jesus viveria, também eles viveriam. Jesus não deseja que os seus amigos sofram, mas sabia que para eles, como para ele, o sofrimento era o único e necessário caminho para a glória. Mais tarde diria a dois dos seus discípulos: «Não era preciso que o Messias sofresse tudo isto antes de entrar na sua glória?» (Lc 24,26).

A «taça da dor» e a «taça da alegria» não podem separar-se. Jesus sabia-o bem, embora no meio da sua angústia no Horto, quando a sua alma estava «triste até à morte» (Mt 26,38), necessitasse de um anjo do Céu para lho recordar. A nossa taça está muitas vezes tão cheia de dor que nos parece impossível que nela caiba a mais pequena alegria. Quando somos esmagados como cachos de uvas, não conseguimos pensar no vinho em que nos tornaremos.

A dor abate-nos, faz-nos prostrar por terra, com o rosto colado ao pó, e suamos gotas de sangue. Então é-nos necessário recordar que a nossa taça de dor é também a nossa taça de alegria e que um dia seremos capazes de saborear a alegria tão plenamente como agora saboreamos a dor.

Logo depois de ser consolado pelo anjo, Jesus levantou-se e enfrentou Judas e a coorte que tinha vindo prendê-lo. Quando Pedro puxou da espada

e feriu o servo do sumo sacerdote, Jesus disse-lhe: «Embainha de novo a tua espada. Não hei de beber a taça de amargura que o Pai me preparou?» (Jo 18,10-11).

A partir desse momento, Jesus já não é o homem esmagado pela angústia. Enfrenta os seus inimigos com grande dignidade e liberdade interior. Mantém a sua taça cheia de dor, mas também de alegria. É a alegria de saber que aquilo que está prestes a cumprir é a vontade do Pai e que o conduzirá ao cumprimento da sua missão.

O evangelista João mostra-nos o enorme poder que emana da pessoa de Jesus. João escreve: «Jesus, sabendo perfeitamente o que lhe ia acontecer, saiu ao encontro deles e perguntou-lhes:

— A quem buscais?

Eles responderam:

— A Jesus de Nazaré.

Jesus disse-lhes:

— Sou eu.

Mal lhes disse “sou eu”, começaram a recuar e caíram por terra» (Jo 18,4-6).

O “sim” incondicional de Jesus ao seu Pai tinha-o fortalecido para beber a taça de amargura, não com uma resignação passiva, mas com a plena consciência de que a hora da sua morte seria também a hora da sua glória. O seu “sim” transformou a sua entrega num ato criativo, num ato que viria a dar muito fruto. O seu “sim” afastou a possível fatalidade de uma interrupção do seu ministério. Em vez de um fim irrevogável, a sua morte tornou-se o início de uma vida nova. Por isso, o seu “sim” permitiu-lhe confiar plenamente na abundante colheita que o grão morto haveria de trazer consigo.

Os gozos estão escondidos nas dores! Sei-o pelas minhas próprias épocas de depressão; por viver com pessoas diminuídas mentalmente; por olhar nos olhos dos doentes e por estar entre os mais pobres dos pobres. Costumamos esquecer esta verdade e sentimo-nos esmagados pela nossa própria escuridão. Perdemos facilmente de vista a perspetiva das nossas alegrias e falamos das nossas penas como se fossem a única realidade existente.

Precisamos de recordar uns aos outros que a taça da dor é também a taça da alegria, que aquilo que realmente nos causa tristeza pode transformar-se num campo fértil de alegria. Por isso precisamos de ser anjos uns para os outros, precisamos de nos dar mutuamente força e consolo. Porque só quando nos apercebermos plenamente de que a taça da vida não é apenas uma taça de dor, mas também uma taça de alegria, seremos capazes de a beber.

II

LEVANTAR A TAÇA

4. LEVANTAR

As boas maneiras eram muito importantes na nossa família. Sobre tudo à mesa.

No átrio da nossa casa pendia um grande sino. Dez minutos antes do jantar, o meu pai fazia-o tocar com força e anunciava em voz alta, para que o ouvíssemos bem: «A jantar! Que toda a gente lave as mãos».

À mesa podiam cometer-se “muitos pecados”, como apoiar os cotovelos na mesa, encher demasiado a colher ou o garfo, comer depressa, mastigar de boca aberta, fazer barulho ao comer, não usar o garfo e a faca ao comer carne, ou usar a faca para cortar os esparguetes... Muitas das nossas refeições eram pontuadas pelas pequenas ordens do meu pai: «Cotovelos fora da mesa», «espera que todos se tenham servido» e «não fales enquanto comes».

Quando cresci, foi-me permitido beber um copo de vinho. Era um sinal de que tinha entrado no mundo dos adultos. Em 1950, quando tinha dezoito anos, beber vinho era um luxo. Em França e em Itália, o vinho à refeição fazia parte da vida diária, mas na Holanda era um símbolo de celebração. Quando tínhamos vinho, realizávamos um ritual especial: provar o vinho e aprová-lo, elogiá-lo brevemente, servi-lo nos copos, apenas até meio, e, o mais importante, levantá-los para brindar.

Ninguém na nossa família beberia alguma vez do seu copo antes de todos terem sido servidos e de o meu pai ter levantado o seu copo, ter-nos olhado a todos, ter dito algumas palavras cordiais e ter assinalado que se tratava de uma ocasião especial. Depois, tocava com o seu copo no da minha mãe e nos dos seus convidados e bebia um pequeno gole. Era sempre um momento importante e solene, um momento sacralizado.

Anos mais tarde, quando o vinho se tornou algo mais comum, quando os copos se enchiam quase até ao topo e quando as pessoas bebiam sem levantar os copos nem fazer um brinde, senti sempre que faltava qualquer coisa; sim, sentia interiormente que algo se tinha perdido.

Levantar a taça é um convite a afirmar e a celebrar a vida juntos. Quando levantamos a taça da vida e nos olhamos nos olhos, dizemos: «Evitemos viver com ansiedade ou cheios de medos. Mantenhamos a taça erguida juntos e saudemo-nos. Não hesitemos em reconhecer a realidade das nossas vidas e em encorajar-nos mutuamente a sermos agradecidos pelos dons que recebemos».

Dizemos, em latim, *Prosit*, «que te faça bem»; em alemão, *Zum Wohl*, «para o teu bem-estar»; em neerlandês, *Op je gezondheid*, «à tua saúde»; em inglês, *Cheers*; em francês, *À votre santé*, «à tua saúde»; em italiano, *Alla tua salute*, «à tua saúde»; em polaco, *Sto lat*, «cem anos»; em ucraniano, *Na zdorvia*, «à tua saúde»; em hebraico, *L'chaim*, «pela vida».

A expressão que melhor sintetiza todos esses bons desejos é «pela vida». Levantamos a taça pela vida, isto é, para afirmarmos juntos a vida e celebrá-la como um dom de Deus. Quando cada um de nós consegue segurar firmemente entre as mãos a sua própria taça, com as suas muitas penas e alegrias, proclamando que é a nossa única vida, então também podemos erguê-la para que os outros a vejam e encorajá-los a erguer também as suas vidas. Por isso, quando levantamos as nossas taças num gesto livre de todo o medo, proclamando que nos apoiaremos mutuamente na nossa viagem comum, criamos comunidade.

Nada é doce ou fácil quando se trata da comunidade. A comunidade é a associação de pessoas que não escondem as suas alegrias ou as suas dores, mas que as tornam visíveis uns aos outros num gesto de esperança. Dizemos em comunidade: «A vida está cheia de ganhos e perdas, altos e baixos, mas não temos de viver estes factos na solidão. Queremos beber a nossa taça juntos e assim celebrar a verdade de que as feridas das nossas vidas individuais, que parecem intoleráveis quando as vivemos sós, se tornam fontes de cura quando as vivemos como parte desta associação de cuidados mútuos».

A comunidade é como um grande mosaico. Cada pequena peça parece insignificante. Uma peça é de um vermelho brilhante, outra de um azul pálido ou de um verde baço, outra de um roxo quente, outra de um amarelo intenso, outra de um dourado radiante. Algumas parecem preciosas, outras vulgares; algumas valiosas, outras comuns; algumas chamativas, outras delicadas. Como pedras individuais, pouco podemos fazer com elas, a não ser compará-las entre si e emitir um juízo sobre o seu valor e beleza. Mas quando todas estas pequenas peças são reunidas de forma harmoniosa e sábia num grande mosaico, compondo com elas a figura de Cristo, quem perguntará alguma vez pela importância de cada uma delas? Se alguma, até a mais pequena, faltar, o rosto fica incompleto. Unidas num mosaico, cada pequena pedra é indispensável e contribui de modo único, insubstituível, para a glória de Deus.

É isso a comunidade: a associação de pessoas aparentemente sem importância que, juntas, tornam Deus visível no mundo.

Sempre que falamos ou agimos de modo a fazer da nossa vida uma vida para os outros, as nossas vidas elevam-se diante deles. Quando somos capazes de abraçar totalmente a nossa própria vida, descobrimos que aquilo que desejamos é também aquilo que proclamamos. Uma vida bem vivida é, portanto, uma vida para os outros. Já não perguntamos se a nossa vida é melhor ou pior do que a dos outros, e começamos a ver claramente que, quando vivemos a nossa vida para os outros, não estamos apenas a procurar a nossa individualidade, mas também a proclamar o nosso lugar único no mosaico da família humana.

Muitas vezes tendemos a manter as nossas vidas escondidas. A vergonha e o sentimento de culpa impedem-nos de deixar que os outros saibam aquilo que vivemos. Pensamos: «Se a minha família e os meus amigos conhecessem as aspirações sombrias do meu coração e os meus estranhos desvios interiores, expulsar-me-iam da sua companhia». Mas a realidade é precisamente o contrário. Se nos atrevermos a levantar as nossas taças e a deixar que os nossos companheiros vejam o que há nelas, eles sentir-se-ão encorajados a levantar as suas e a partilhar connosco os seus segredos, guardados com zelo e ansiedade.

A maior cura acontece muitas vezes quando deixamos de nos sentir isolados pela vergonha e pelo sentimento de culpa, e descobrimos que outros, com muita frequência, sentem o que nós sentimos, pensam o que nós pensamos e têm os mesmos medos, apreensões e preocupações que nós temos.

Erguer as nossas taças significa partilhar a nossa vida para a celebrar. Quando nos convencemos de que somos chamados a abrir as nossas vidas aos nossos amigos, ousamos correr o risco de deixar que os outros conheçam aquilo que estamos a viver.

Uma pergunta importante: temos um círculo de amigos fiéis no qual nos sentimos suficientemente seguros para permitir que nos conheçam intimamente e que nos exijam uma maturidade cada vez maior? Assim como erguemos as nossas taças com pessoas em quem confiamos e que amamos, do mesmo modo erguemos a taça da nossa vida na presença e em benefício daqueles com quem não queremos ter segredos e com quem desejamos formar comunidade.

Quando queremos beber a nossa taça, e fazê-lo até ao fim, precisamos de outros que queiram beber a sua connosco. Precisamos de uma comunidade na qual a confissão e a celebração estejam sempre presentes ao mesmo tempo. Temos de desejar deixar que os outros nos conheçam se quisermos depois celebrar a vida com eles.

Quando erguemos a nossa taça e dizemos «pela vida», temos de estar a falar de vidas reais, não apenas de vidas difíceis, penosas, dolorosas, mas também de vidas tão cheias de alegria que a celebração se torna uma resposta espontânea.

5. A TAÇA DE BÊNÇÃO

Erguer a taça é oferecer uma bênção. A taça da dor e da alegria, quando é erguida com e para os outros «pela vida», torna-se uma taça de bênção.

Recordo muito poucas ocasiões em que a taça da dor ou da alegria se tenha transformado em taça de bênção. Há alguns anos, um dos diminuídos

da comunidade de Daybreak teve de passar uns meses num hospital psiquiátrico perto de Toronto para fazer uma avaliação psicológica. Tratava-se do Trevor. O Trevor e eu tínhamos-nos tornado amigos ao longo dos anos. Ele gostava de mim e eu correspondia-lhe. Sempre que me via chegar, corria ao meu encontro com um sorriso radiante. Muitas vezes ia ao campo colher flores silvestres para mas oferecer. Queria sempre ajudar-me nas celebrações da Eucaristia e tinha uma grande sensibilidade para tudo o que dizia respeito a cerimónias e ritos.

Fui visitá-lo enquanto estive fora de Daybreak. Telefonei ao capelão do hospital e perguntei-lhe se poderia visitar o meu amigo. Ele respondeu que seria bem-vindo e perguntou-me se me parecia bem convidar para almoçar comigo alguns ministros e sacerdotes da zona, bem como alguns membros do pessoal do hospital. Sem pensar muito nas implicações que o seu pedido poderia ter, respondi imediatamente que sim, que me parecia bem.

Quando cheguei, às onze da manhã, um grupo de pessoas do clero e do pessoal do hospital estava à minha espera, e deram-me uma receção calorosa. Olhei para ver se encontrava o Trevor entre eles, mas ele não estava lá. Disse ao capelão:

— Vim visitar o Trevor. Podem dizer-me onde o posso encontrar?

— Podes estar com ele depois do almoço —respondeu-me.

— Mas não o convidaste para almoçar? —perguntei, muito admirado.

— Não, não —respondeu ele—. É impossível. O pessoal do centro e os pacientes não podem comer juntos. Além disso, reservámos o Salão Dourado para esta ocasião e nunca foi permitido a um paciente entrar nessa sala. É apenas para o pessoal.

— Bem —disse eu—, só almoçarei convosco se o Trevor também vier. Somos grandes amigos. Vim por ele, e tenho a certeza de que ficará encantado por se juntar a nós.

Percebi uma série de reações contraditórias às minhas palavras, mas depois de uma breve conversa em voz baixa entre eles, disseram-me que

poderia levar o Trevor comigo para o Salão Dourado.

Encontrei o meu amigo nos campos do hospital a procurar flores. Quando me viu, o seu rosto iluminou-se, correu para mim como se nunca nos tivéssemos separado e disse-me:

— Henri, aqui tens umas flores.

Juntos dirigimo-nos ao Salão Dourado. A mesa estava decorada com um gosto requintado e cerca de vinte e cinco pessoas estavam sentadas à volta dela. O Trevor e eu fomos os últimos a sentar-nos.

Após a oração, o Trevor dirigiu-se a uma mesa auxiliar onde havia todo o tipo de bebidas: vinho, refrigerantes e sumos.

— Henri, quero uma Coca-Cola —disse ele.

Servi-lha, enchi um copo de vinho para mim e voltei para a mesa.

Quase ninguém falava. Muitos dos convidados eram desconhecidos uns dos outros e estavam ainda a começar a conhecê-lo. A atmosfera geral era de um silêncio quase solene. Comecei a conversar com a pessoa ao meu lado e deixei de prestar muita atenção ao Trevor. Mas de repente, ele levantou-se, pegou no seu copo de Coca-Cola, ergueu-o e disse em voz alta, com um grande sorriso:

— Minhas senhoras e meus senhores... um brinde!

Todos se calaram e voltaram-se para o Trevor com expressões entre perplexas e preocupadas. Eu podia ler os seus pensamentos: o que iria aquele doente dizer? Era preciso ter cuidado.

Mas o Trevor não se preocupava minimamente com nada disso. Olhou para todos e disse:

— Levantem os vossos copos.

Todos obedeceram. E depois, como se fosse algo absolutamente natural, começou a cantar:

— Quando estás feliz e o sabes... levanta o teu copo...
Quando estás feliz e o sabes... levanta o teu copo.
Quando estás feliz e o sabes, quando estás feliz e o sabes, quando estás feliz e o sabes... levanta o teu copo.

À medida que cantava, os rostos das pessoas começaram a relaxar e a esboçar um sorriso. Pouco depois, alguns juntaram-se ao Trevor no seu canto, e muito rapidamente todos estavam de pé, a cantar em voz alta, guiados por ele.

O seu brinde mudou radicalmente o ambiente do Salão Dourado. Ele uniu todas aquelas pessoas, estranhas entre si, e fez com que se sentissem em casa. O seu maravilhoso sorriso e a sua alegria, completamente livre de medo, derrubaram as barreiras entre o pessoal do hospital e os doentes e criaram uma família feliz de pessoas que cuidavam umas das outras. Com essa única bênção tão improvável, o Trevor criou o clima para que o encontro fosse agradável e frutuoso. A taça da dor e da alegria tinha-se transformado em taça de bênção.

Muitos sentem-se amaldiçoados por Deus por causa da doença, das perdas, das incapacidades e dos infortúnios. Acreditam que a sua taça não contém qualquer bênção. É a taça da ira de Deus, a taça de Jeremias quando diz:

«O Senhor, Deus de Israel, disse-me: “Toma da minha mão esta taça de vinho cheia de ira e dá-a a beber a todas as nações para onde te enviar, para que bebam, cambaleiem e enlouqueçam diante da espada que vou mandar contra elas.” Dir-lhes-ás: Assim fala o Senhor Onnipotente, Deus de Israel: Bebei, embriagai-vos, vomitai, caí e não torneis a levantar-vos sob a espada que envio contra vós. E se se recusarem a tomar da tua mão a taça e a beber, dir-lhes-ás: Assim disse o Senhor Onnipotente: Tereis de a beber! Pois se começo a castigar a cidade onde se invoca o meu nome, como podereis vós ficar impunes? Não ficareis sem castigo, porque trarei a espada contra todos os habitantes da terra, oráculo do Senhor Onnipotente.» (Jr 25,15-16. 27-29)

Esta não é a taça que se deve erguer «pela vida», porque só contém misérias. Não admira que ninguém queira aproximar-se do deus vingativo

que Jeremias descreve. Aí não encontramos bênção alguma. Mas quando Jesus pega na taça na véspera da sua morte, não é a taça da ira, mas a taça da bênção. É a taça da nova e eterna aliança, a taça que nos une a Deus e uns aos outros numa comunidade de amor.

Paulo escreve aos Coríntios: «Falo-vos como a pessoas sensatas, capazes de avaliar o que digo. O cálice de bênção que abençoamos, não nos une porventura ao sangue de Cristo? E o pão que partimos, não nos une ao corpo de Cristo?» (1 Cor 10,15-16).

O imenso sofrimento da humanidade pode ser facilmente entendido como sinal da ira de Deus, como castigo. Muitas vezes foi interpretado assim, e ainda o é. O salmista diz: «O Senhor tem na mão uma taça, um cálice de vinho fermentado, que os malvados da terra beberão até à última gota» (Sal 75,8). E nós, olhando horrorizados para os males que assolam o mundo, dizemos: «Como pode existir um Deus amor se tudo isto acontece? Deve ser um Deus cruel, rancoroso, já que permite que os seres humanos sofram tanto!».

No entanto, Jesus tomou sobre si todo esse sofrimento e elevou-o na cruz, não como maldição, mas como bênção. Jesus transformou a taça da ira de Deus na taça da bênção. Esse é o mistério da Eucaristia. Jesus morreu por nós para que nós pudéssemos viver. Derramou o seu sangue por nós para que encontrássemos uma vida nova. Tornou-se, por nós, um excluído para que pudéssemos viver em comunidade. Fez-se para nós alimento e bebida para que pudéssemos ser sustentados para a vida eterna. Foi isso que Jesus quis dizer quando tomou a taça e afirmou: «Esta é a taça da nova aliança selada com o meu sangue, que será derramado por vós» (Lc 22,20).

A Eucaristia é esse sagrado mistério pelo qual aquilo que vivemos num determinado momento como maldição, podemos mais tarde viver como bênção. A partir dela, o nosso sofrimento já não pode ser um castigo. Jesus transformou-o em caminho para uma vida nova. O seu sangue — e também o nosso — pode tornar-se agora sangue de mártires, sangue que testemunha uma nova aliança, uma nova comunhão, uma nova comunidade.

Quando erguemos a taça da nossa vida e partilhamos com os outros as nossas alegrias e dores numa vulnerabilidade mútua, pode tornar-se visível

entre nós a nova aliança. A grande surpresa é que quem normalmente nos revela que a nossa taça é uma taça de bênção é o mais pequeno entre nós.

O Trevor fez o que nenhum outro conseguiu. Transformou um grupo de estranhos numa comunidade de amor através da sua bênção simples e inconsciente. Ele, um homem irrelevante, tornou-se um Cristo vivo entre nós. A taça da bênção é a taça que os simples têm para nos oferecer.

6. PELA VIDA

Erguemos as taças das nossas vidas para comunicarmos vida mutuamente.

Na comunidade de Daybreak, a celebração festiva é uma parte essencial da nossa vida em comum. Celebramos os aniversários e as datas especiais, celebramos os que chegam e os que partem, o nascimento e a morte, os compromissos assumidos e os renovados.

Na nossa comunidade há muitas pequenas festas. São ocasiões normalmente felizes durante as quais comemos e bebemos, cantamos e dançamos, fazemos discursos, conversamos e rimos muito. Mas uma celebração é algo mais do que simplesmente uma festa. É uma ocasião para nos animarmos mutuamente, estejamos nós num bom momento ou não, e para aprofundarmos os nossos vínculos como comunidade. Celebrar a vida é erguê-la, torná-la visível aos outros, afirmá-la na sua concretude real e dar graças por ela.

Uma celebração absolutamente comovente foi a que teve lugar por ocasião da apresentação do Life Story Book do Bill. Este tipo de livros é uma coleção de fotografias, histórias e cartas, organizadas como uma biografia. Quando, aos dezasseis anos, Bill chegou a Daybreak, trouxe consigo muito poucas recordações. Tinha vivido uma infância muito problemática e quase nenhuma experiência válida de amor e amizade. O seu passado tinha sido tão negativo, tão doloroso e tão solitário que ele tinha decidido esquecê-lo. Era um homem sem história.

Mas, depois de vinte e cinco anos em Daybreak, tinha-se tornado gradualmente numa pessoa diferente. Fizera amigos. Desenvolvera uma relação estreita com uma família que visitava aos fins de semana e nos dias festivos; tornara-se sócio de um clube de jogadores de bowling, aprendera a trabalhar a madeira e viajava comigo para lugares distantes, para cidades populosas. Ao longo dos anos, criara uma vida que valia a pena recordar. Chegou mesmo a encontrar liberdade e coragem para voltar a evocar algumas experiências dolorosas da sua infância e os seus pais já falecidos como pessoas que lhe tinham dado a vida e o amor, apesar das suas limitações.

Agora já tinha material suficiente para o seu Life Story Book, embora fosse uma bela história cheia de sofrimentos. Muitos amigos lhe tinham escrito cartas contando as coisas que lembravam dele. Outros tinham enviado fotografias ou recortes de jornais onde se falava de acontecimentos em que ele participara, e outros dedicaram-lhe desenhos que expressavam o quanto gostavam dele. Depois de seis meses de trabalho, o livro estava pronto e chegou o momento de celebrar, não só o novo livro, mas a vida de Bill, simbolizada por ele.

Muitas pessoas se reuniram para a ocasião na capela de Dayspring. Bill trouxe o livro e ergueu-o para que todos o vissem. Era uma grande pasta de argolas, encadernada com capas multicoloridas, com muitas páginas artisticamente decoradas. Embora fosse o livro de Bill, também exprimia o trabalho de muitas outras pessoas.

Depois pronunciámos uma bênção sobre o livro e sobre o próprio Bill, que o segurava firmemente levantado nas mãos. Pedi a Deus que este livro ajudasse Bill a fazer com que muitas pessoas conhecessem o homem extraordinário que ele é e a vida preciosa que agora levava. Pedi também a Deus que ajudasse Bill a recordar os momentos da sua vida — as suas alegrias e as suas dores — com um coração agradecido.

Enquanto eu rezava, as lágrimas começaram a correr pelas faces de Bill. Quando terminei, ele abraçou-me e começou a chorar. As lágrimas caíam-lhe sobre o meu ombro enquanto todos os que formavam o círculo nos olhavam com uma profunda compreensão do que estava a acontecer. A vida

de Bill tinha sido erguida para ser vista por todos, e ele tinha sido capaz de dizer que era uma vida pela qual valia a pena dar graças.

Agora, Bill leva o seu Life Story Book nas suas viagens. Mostra-o às pessoas como um homem que acredita que a sua vida não é algo de que deva envergonhar-se. Pelo contrário, é um dom para os outros. A taça do sofrimento e da alegria, erguida para que os outros a vejam e celebrem, torna-se taça de vida. É muito fácil vivermos vidas truncadas pelas coisas duras que nos aconteceram no passado e que preferimos não recordar. Muitas vezes, as preocupações do nosso passado parecem demasiado pesadas para as suportarmos sozinhos. A vergonha e o sentimento de culpa levam-nos a esconder partes de nós mesmos e, assim, vivemos pela metade.

Mas precisamos de viver a nossa vida em comunidade e vivê-la inteira, em plenitude. Precisamos de vivê-la para além do nosso sentido de culpa e da nossa vergonha, e de dar graças não só pelos nossos êxitos e conquistas, mas também pelos nossos fracassos e defeitos. Precisamos que as nossas lágrimas fluam livremente — lágrimas de pena ou de alegria — lágrimas que são como a chuva que cai sobre a terra seca. Se erguermos assim a nossa vida em comunidade, todos juntos, podemos realmente dizer «à vida», porque tudo o que vivemos se torna terra fértil para o futuro.

Mas erguer a nossa taça pela vida é muito mais do que dizer coisas bonitas uns aos outros. É muito mais do que oferecer bons votos. Significa tomar tudo o que vivemos desde sempre e trazê-lo ao momento presente como um dom para os outros — um dom que deve ser celebrado.

Na maioria das vezes, costumamos olhar para as nossas vidas e dizer: «Agradeço as coisas boas que me trouxeram até aqui». Mas quando erguemos a nossa taça pela vida, devemos ousar dizer: «Dou graças por tudo o que me aconteceu e que me trouxe a este momento». Esta gratidão, que abrange todo o nosso passado, é o que faz da nossa vida um verdadeiro presente para os outros, porque apaga a amargura, o ressentimento, os pesares e o desejo de revanche, a inveja e a rivalidade. Transforma o nosso passado num dom fecundo para o futuro e faz da nossa vida — de toda ela — algo que transmite vida.

O enorme individualismo da nossa sociedade, onde tanto se insiste em «fazer-se a si mesmo», impede-nos de erguer as nossas vidas diante dos outros. Mas cada vez que ousamos dar um passo para vencer o nosso medo de ser vulneráveis e para erguer a nossa taça, as nossas vidas e as de outras pessoas florescem de forma absolutamente inesperada.

E então nós também encontraremos força para beber a nossa taça — e bebê-la até ao fundo.

III

BEBER A TAÇA

7. BEBER

A taça que devemos beber é a taça que tomamos nas mãos e que levantamos. Tenho recordações muito vivas dos meus primeiros anos na Universidade de Nimega, na Holanda. Acabara de ser ordenado sacerdote e o cardeal Alfrink enviara-me para a universidade católica para fazer a licenciatura em psicologia. Mas, antes de começar o ano lectivo, tive de me submeter a um longo processo de selecção para ser aceite no mundo estudantil e tornar-me membro de uma comunidade. Beber cerveja era um dos meios para o conseguir! Não estava habituado a beber tanta cerveja e passei um mau bocado ao tornar evidente que não tinha qualquer experiência nesse domínio.

Mas, uma vez finalmente admitido no mundo estudantil e depois de ter feito alguns amigos no grupo, “beber juntos” tornou-se uma expressão de partilha da amizade, da atenção pessoal ao outro, da conversa descontraída, amigável e do aprofundamento do companheirismo. “Vamos beber uma cerveja!”. “Tomas um café comigo?”. “Tomemos um chá juntos!”. “Ofereço-te uma Heineken.” “Então, bebemos outro copo de vinho?”. “Vá, não sejas tímido, deixa-me servir-te outro... mereces.” Estas e outras expressões semelhantes criavam uma atmosfera de companheirismo e de convivência.

Em qualquer país ou cultura em que nos encontremos, beber juntos é sinal de amizade, de intimidade e de paz. Ter sede não é muitas vezes a razão principal para beber. Bebemos para “quebrar o gelo”, para iniciar uma conversa, para mostrar boas intenções, para expressar amizade e boa vontade, para preparar o ambiente de um momento romântico, para sermos abertos, vulneráveis, acessíveis. Não é estranho que as pessoas que estão zangadas connosco ou que nos acusam de as incomodarmos não aceitem um convite nosso para beber connosco. Pelo contrário, dizem: “Vou

directamente ao assunto que me trouxe aqui.” Recusar um convite para beber é evitar um certo grau de intimidade.

No pior dos casos, beber juntos significa: “Confiamos suficientemente um no outro para não nos envenenarmos mutuamente.” E, no melhor, significa: “Quero estar mais perto de ti e celebrar a vida contigo.” Assim se quebram as barreiras que nos separam e esse facto convida-nos a reconhecer e a partilhar a humanidade. Por isso, beber juntos pode tornar-se um gesto espiritual, uma afirmação da nossa unidade como filhos do mesmo Deus.

O mundo está cheio de lugares destinados a beber: bares, pubs, salões de chá e de café. Mesmo quando saímos para comer fora, a primeira pergunta do empregado é sempre: “Algo para beber?”. É também a primeira pergunta que fazemos aos nossos convidados mal entram em nossa casa.

Parece que, na maioria das ocasiões em que bebemos, o fazemos num contexto em que nos sentimos em casa connosco próprios, pelo menos durante alguns momentos, e em segurança com os outros. Beber uma chávena de café para interromper o trabalho por instantes, fazer uma pausa nas ocupações da tarde para tomar um chá, um copo de vinho antes de comer, uma bebida antes de ir para a cama — todos estes momentos servem para nos dizermos a nós mesmos ou aos outros: “É bom estar vivo no meio de tudo o que acontece, e quero recordar-mo.”

Beber a taça da vida torna-nos senhores do que estamos a viver. É dizer: “Esta é a vida”, mas também: “Quero que esta seja a minha vida.” Beber a taça da vida é assumir e interiorizar plenamente a nossa existência única, com todas as suas tristezas e alegrias.

Não é fácil fazê-lo. Podemos sentir-nos, durante muito tempo, incapazes de aceitar a nossa própria vida. Podemos estar a lutar para conseguir uma vida melhor ou, pelo menos, diferente. Muitas vezes surgem em nós protestos profundos contra o nosso destino. Não escolhemos o nosso país, os nossos pais, a cor da nossa pele, a nossa orientação sexual. Também não escolhemos o nosso carácter, a nossa inteligência, a nossa aparência física ou certos modos estranhos de comportamento. Por vezes queremos fazer tudo o que pudermos para mudar as circunstâncias da nossa vida.

Gostaríamos de estar noutra corpo, ter vivido noutra época ou ter outra maneira de pensar. Pode até irromper do fundo do nosso ser um grito de protesto: «Porque é que tenho de ser esta pessoa? Não pedi para o ser e não quero sê-lo.»

Mas, à medida que nos vamos habituando tranquilamente à nossa própria realidade, aprendendo a olhar com compaixão para as nossas dores e alegrias, e à medida que nos tornamos capazes de descobrir o potencial único da nossa maneira de ser e de estar no mundo, podemos ir além da nossa revolta, podemos aproximar a taça da nossa vida dos lábios e bebê-la, devagar, com cuidado, mas até ao fundo.

Muitas vezes, quando queremos consolar alguém, dizemos: «Bem, é triste que isto te tenha acontecido, mas tenta tirar o melhor partido da situação.» Mas “tirar o melhor partido” não é o mesmo que beber a taça. Beber a nossa taça não é simplesmente adaptar-nos às situações difíceis e tentar aproveitá-las o melhor possível. Beber a nossa taça é uma maneira de viver com esperança, com coragem e com confiança em nós próprios. É estar no mundo de cabeça erguida, solidamente firmados no conhecimento de quem somos, é enfrentarmos a realidade que nos rodeia e respondermos a ela a partir do mais fundo do nosso coração.

As grandes figuras da história olharam profundamente para dentro das suas taças e beberam sem medo. Famosos ou não, sabiam que a vida que lhes fora dada o tinha sido para ser vivida em plenitude, na presença de Deus e do povo de Deus, e assim produzir fruto. Sentiam-se, com as suas circunstâncias reais, na obrigação de fazer das suas vidas algo fecundo. Jesus, o filho do carpinteiro de Nazaré — «De Nazaré pode vir algo de bom?», perguntavam (Jo 1,46) — bebeu a sua taça até às borras. Todos os seus discípulos o fizeram também, cada um de maneira diferente da que poderiam imaginar.

A grandeza espiritual nada tem a ver com ser maior do que os outros. Tem muito a ver com chegar ao nível ao qual cada um de nós deve chegar. A verdadeira santidade é precisamente beber a tua própria taça e confiar que, assim, assimilando plenamente o teu caminho único sobre a terra, que é insubstituível, podes tornar-te uma fonte de esperança para muitos. Vincent van Gogh, no meio das suas misérias e chagas interiores, acreditou

sem hesitar na sua vocação para a pintura e foi tão longe quanto conseguiu com o aparentemente pequeno bagaje humano que possuía. Algo semelhante aconteceu com Francisco de Assis, com Dorothy Day, de Nova Iorque, e com Óscar Romero, de El Salvador. Pessoas insignificantes aos olhos do mundo, mas grandes na forma como beberam totalmente as suas taças.

Como podemos nós, no meio da nossa vida quotidiana, beber a nossa taça, a taça da dor e a do gozo? Como podemos assimilar plenamente aquilo que nos foi dado? Sabemos, de alguma maneira, que quando não bebemos a nossa taça — evitando tanto a dor como a alegria de viver — as nossas vidas se tornam inautênticas, falsas, superficiais, aborrecidas. Tornamo-nos marionetas agitadas para cima e para baixo, para a esquerda e para a direita pelos marionetistas deste mundo. Tornamo-nos objectos, vítimas dos interesses e desejos de outras pessoas. Mas não temos de ser vítimas. Podemos escolher beber a taça da nossa vida com a profunda convicção de que, ao bebê-la, alcançaremos a nossa verdadeira liberdade. E assim descobriremos que a taça de dor e de alegria que estamos a beber é a taça da salvação.

8. A TAÇA DA SALVAÇÃO

Gordie Henry, que tem síndrome de Down, é um dos membros fundadores da comunidade de Daybreak. Uma vez disse-me:

— O bom da nossa vida é que fazemos muitos amigos. E o duro nela é que muitos desses amigos deixam a comunidade.

Com essa simples observação, Gordie tocava exactamente o ponto onde a alegria e a dor se entrelaçam. Por ter sido, durante muito tempo, membro de Daybreak, Gordie conheceu muitos assistentes que partilharam a vida com ele. Vieram de vários países, às vezes para um verão, outras para um ano, outras ainda para muitos anos. Todos quiseram muito bem ao Gordie, e Gordie acabava por querer bem a eles. Criavam-se afinidades profundas, laços muito fortes e uma verdadeira amizade. Mas, mais cedo ou mais tarde, os assistentes tinham de partir. Alguns casavam, outros regressavam aos estudos, alguns perdiam as autorizações de trabalho, noutros casos

procuravam uma nova orientação para as suas vidas ou descobriam que a comunidade não era para eles. Gordie, contudo, ficava — e sentia a grande dor de tantas separações.

Um dia, Jean Vanier, o fundador d'A Arca, veio visitar Daybreak. Reuniu toda a comunidade e disse:

— Que perguntas querem fazer-me?

Thelus, uma das primeiras residentes, que tinha vivido em Daybreak tanto tempo quanto Gordie, levantou a mão e perguntou:

— Porque é que as pessoas estão sempre a ir-se embora?

Vanier percebeu que a pergunta não vinha apenas da Thelus, mas também de Gordie e de todos os membros que estavam em Daybreak há muito tempo.

Aproximou-se dela com delicadeza e disse:

— Sabes, Thelus, essa é a pergunta mais importante que podes fazer. Porque tu e muitos outros querem fazer de Daybreak a vossa casa, o lugar onde se sentem amados e protegidos. O que significa, então, que tantas vezes pessoas que amas e que te amam deixam a tua casa, às vezes para bem de todos? Porque és obrigada a sentir a dor de tantas partidas? Até pode parecer que as pessoas não gostam de ti! Porque, se gostam, porque te deixam?

Enquanto falava, todos o escutavam com grande atenção. Percebiam que aquele homem compreendia verdadeiramente a sua dor e se preocupava sinceramente com eles. Queriam ouvir o que tinha para lhes dizer. Com grande bondade e compaixão, Jean olhou para todos e disse:

— Sabem, a vossa alegria e a vossa dor oferecem-vos o privilégio de receber uma missão. Aqueles que vêm viver convosco, de quem recebestes muito e a quem destes muito, não vos abandonam. Vós enviais-nos de volta para os seus colégios, para as suas casas e para as suas famílias, para que levem consigo algo do amor que viveram convosco. É duro, custa deixá-los

partir. Mas, quando perceberem que isso é uma missão, serão capazes de enviar os vossos amigos a continuar o seu caminho sem perderem a alegria que eles vos trouxeram.

Estas palavras simples tocaram profundamente os nossos corações, porque nos levaram a olhar de modo diferente para aquilo que até então víamos como uma ruptura dolorosa. A taça da alegria e do júbilo tornara-se taça de salvação.

Só é possível beber a taça da dor e da alegria quando ela nos traz saúde, força, liberdade, esperança, coragem, vida nova. Ninguém beberá a taça da vida quando ela nos adoece ou nos faz sentir miseráveis. Só a podemos beber quando é a taça da salvação.

Isto está expresso de forma belíssima no salmo 116:

O Senhor é benigno e justo,
o nosso Deus é cheio de ternura...
Eu mantinha a confiança, mesmo ao dizer:
«Que desgraçado que sou!».
Na minha aflição dizia:
«Não se pode confiar em ninguém».

Como pagarei ao Senhor
todo o bem que me fez?
Erguerei a taça da salvação,
invocando o seu nome.
(*Sal* 116, 5.10-13)

Aqui, beber a taça perde a sua dimensão de mistério. A chegada e a partida dos amigos, as experiências de amor e de traição, de cuidado e de indiferença, de generosidade e de avareza, podem tornar-se caminho para a verdadeira salvação humana. Sim, as pessoas que nos amam também nos desiludem; alguns momentos de grande satisfação também revelam necessidades não satisfeitas; estar em casa também nos mostra que somos, de certo modo, pessoas sem casa. Mas todas estas tensões podem criar em nós um profundo anseio de plena liberdade, que está para além de todas as estruturas do nosso mundo.

É evidente que emerge uma missão de uma vida que nunca é apenas dor ou apenas alegria — uma missão que nos faz ir além das nossas limitações humanas e alcançar a liberdade total, a redenção completa, a salvação última.

Jesus bebeu a taça da sua vida. Experimentou louvor, aclamação, admiração e enorme popularidade. Também experimentou rejeição, ridículo e ódio da multidão. Num momento, o povo gritava “Hosana”; poucos dias depois, esse grito transformou-se em “Crucifica-o!”. Jesus aceitou tudo isso, não como um herói primeiro adorado e depois rejeitado, mas como alguém que veio cumprir uma missão — e que soube manter-se fiel a essa missão, independentemente das reacções dos outros. Jesus interiorizou, profundamente e como parte essencial da sua missão, o facto de ter de beber a taça da sua vida para cumprir a tarefa que o seu Abba, o seu querido Pai, lhe confiara.

Sabia que beber a taça da sua vida lhe traria liberdade, glória e plenitude. Sabia que beber a taça o conduziria para além da armadilha deste mundo, para completar a libertação — da agonia da morte ao esplendor da ressurreição. Esse conhecimento tinha pouco a ver com compreensão intelectual. Era o conhecimento de um coração cultivado no jardim do amor eterno.

Por isso, a taça que Jesus queria beber — e que bebeu até a esvaziar por completo — tornou-se a taça da salvação.

No horto de Getsémani, o horto do medo, o coração de Jesus gritou com o salmista: «Não se pode confiar no homem... Erguerei a taça da salvação e invocarei o nome do Senhor». Beber a taça da salvação significa esvaziar a taça da dor e da alegria para que Deus a possa encher de vida pura.

A «salvação» fala de ser salvo. Mas de que é que precisamos de ser salvos? A resposta tradicional — e a resposta acertada — é: do pecado e da morte. Estamos presos na armadilha do pecado e da morte como numa armadilha de caçador.

Quando pensamos um instante nas diferentes dependências — álcool, droga, comida, jogo, sexo — temos uma ideia dessa armadilha. Além disso,

estão sempre presentes as nossas infinitas compulsões. Podemos sentir-nos impelidos a agir, falar e até pensar de determinada maneira, sem sermos capazes de escolher outro caminho. Quando as pessoas dizem: «Antes de saíres do quarto, limpa o ar que respiraste, senão ele tem um ataque de nervos», ou «faça o que fizer, ela lava sempre primeiro as mãos», percebemos que estamos perante pessoas compulsivas.

Além disso, todos temos as nossas obsessões. Uma ideia, um plano, uma actividade podem obcecar-nos ao ponto de nos tornarmos seus escravos.

Estas dependências, compulsões e obsessões revelam as nossas próprias armadilhas. Mostram-nos a nossa condição de pecadores, porque nos roubam a nossa preciosa liberdade de filhos de Deus e nos escravizam a um mundo estreito e limitado. O pecado leva-nos a fabricar a nossa própria vida segundo os nossos desejos, ignorando a taça que nos foi dada. O pecado torna-nos autoindulgentes. São Paulo diz: «Mas, se vos deixardes conduzir pelo Espírito, não estais sob o domínio da Lei.» E quanto às consequências desses apetites desordenados, são bem conhecidas: «fornicação, impureza, libertinagem, idolatria, feitiçaria, inimizades, discórdias, rivalidade, ira, egoísmo, dissensões, facções, invejas, bebedeiras, orgias e coisas semelhantes. Os que praticam tais coisas — volto a repeti-lo, como já vos disse — não hão-de herdar o Reino de Deus» (Gl 5,18-21).

A morte também nos apanha na sua armadilha. Rodeia-nos por todos os lados: a ameaça de morte nuclear, os conflitos nacionais e étnicos; a morte causada pela fome e pelo abandono; a morte por aborto ou eutanásia; e a morte provocada por inúmeras doenças que assolam a humanidade, especialmente a sida e o cancro. Mais tarde ou mais cedo tornamo-nos conscientes do facto inevitável da nossa própria morte. Para onde quer que nos voltemos, a morte está presente, nunca nos abandonando. Não passa um único dia em que não nos preocupemos com a saúde de um familiar, de um amigo ou com a nossa própria. Não passa um único dia em que não recordemos as armadilhas, os laços da morte.

O pecado e a morte fazem-nos cair na sua armadilha. Beber a taça, como fez Jesus, é a forma de evitar essa armadilha. É o caminho da nossa salvação. É um caminho difícil, doloroso, um caminho que queremos evitar

a todo o custo. Muitas vezes parece até um caminho impossível. Mas é certo que, se não quisermos beber a nossa taça, a liberdade fugir-nos-á. Não se trata da liberdade que nasce depois de termos esvaziado por completo a nossa taça — isto é, depois da nossa morte. Não, saboreamos essa liberdade sempre que bebemos a taça da nossa vida, em maior ou menor medida.

A salvação não está reservada apenas para depois da morte. É uma realidade diária, que podemos saborear aqui e agora. Quando me sento com o Adam e o ajudo a comer, quando converso com o Bill sobre a nossa próxima viagem, quando tomo um café com a Susanne e tomo o pequeno-almoço com o David, quando abraço o Michael, quando beijo a Patsy ou rezo com o Gordie, a salvação está sempre presente. E, quando nos sentamos juntos à volta da mesa do altar e ofereço a todos os presentes a taça cheia de vinho, posso proclamar com toda a certeza: «Esta é a taça da salvação».

9. ATÉ AO FUNDO

Coloca-se então uma pergunta: como bebemos a taça da salvação?

Devemos bebê-la lentamente, saboreando cada gole, até ao fim. Viver uma vida plena é beber a nossa taça até que fique vazia, confiando que Deus a encherá com a vida eterna.

No entanto, é importante sermos muito concretos e termos a mente muito clara ao enfrentarmos a pergunta: «Como bebemos a nossa taça?». Precisamos de certas disciplinas bem concretas que nos ajudem a assimilar e interiorizar as nossas alegrias e tristezas, e a encontrar nelas o nosso único caminho de liberdade espiritual. Gostaria de reflectir sobre como três disciplinas — a do silêncio, a da palavra e a da acção — nos podem ajudar a beber a nossa taça da salvação.

A primeira forma de beber a nossa taça é no silêncio.

Isto pode parecer surpreendente, porque estar em silêncio parece não ser fazer nada. Mas é precisamente no silêncio que nos confrontamos com o nosso verdadeiro eu. Muitas vezes, as dores da nossa vida oprimem-nos de

tal forma que fazemos tudo para não as enfrentar. A rádio, a televisão, os jornais, os livros, os filmes, mas também o trabalho intenso e uma vida social cheia — todas estas realidades podem tornar-se formas de fugir de nós próprios e transformar a vida num longo entretenimento.

Aqui a palavra “entretenimento” é importante. Significa, literalmente, “reter alguém afastado de algo” (“teni”, do latim *tenere*, e “entre”). Entretenimento é tudo aquilo que capta a nossa mente e a afasta das coisas difíceis de enfrentar. O entretenimento mantém-nos distraídos, animados ou suspensos. Dá-nos uma tarde ou um dia livre das nossas angústias e medos.

Mas, quando começamos a viver a vida como entretenimento, perdemos o contacto com a nossa alma e tornamo-nos simples espectadores num espectáculo que dura toda a vida. Até o trabalho valioso e importante pode transformar-se numa maneira de esquecer quem realmente somos. Não deve surpreender-nos que para muitas pessoas a reforma seja uma perspectiva assustadora. Quem somos nós quando já não há nada que nos mantenha ocupados?

O silêncio é a disciplina que nos ajuda a ultrapassar o nível de entretenimento das nossas vidas. Nesse silêncio, as nossas dores e alegrias podem emergir dos lugares onde as escondemos e podemos olhar para nós mesmos e dizer: «Não tenhas medo; podes olhar para o teu próprio caminho na vida, para os seus lados luminosos e sombrios, e descobrir a tua forma de seres livre.» Podemos encontrar silêncio na natureza, em nossa casa, numa igreja ou num local de meditação. Mas, onde quer que o encontremos, devemos acarinhá-lo. Porque só no silêncio podemos conhecer em profundidade quem somos e, pouco a pouco, olhar para nós mesmos como dom de Deus.

No início, o silêncio pode assustar-nos. No silêncio ouvimos as vozes das trevas: os nossos ciúmes e a nossa ira, o nosso ressentimento e o desejo de vingança, a nossa luxúria e avareza, a nossa dor por perdas, abusos ou rejeições. Estas vozes são muitas vezes ruidosas e persistentes. Todas essas realidades miseráveis podem ensurdecer-nos. A nossa reacção mais espontânea é fugir e voltar ao nosso entretenimento.

Mas, se mantivermos a disciplina de ficar e de não permitir que essas vozes nos intimidem, elas perderão gradualmente a força e passarão para segundo plano, abrindo espaço para outras vozes — mais suaves, mais serenas — as vozes da luz.

Estas vozes falam de paz, bondade, mansidão, alegria, esperança, bem, perdão e, sobretudo, amor. No princípio podem parecer frágeis, insignificantes, e podemos sentir dificuldade em confiar nelas. No entanto, são muito persistentes e tornar-se-ão mais fortes se continuarmos a ouvi-las. Vêm do mais profundo de nós e, ao mesmo tempo, de muito longe. Falam-nos desde antes do nosso nascimento e revelam-nos que não há trevas naquele que nos enviou ao mundo: só há luz. São parte das vozes de Deus, que desde toda a eternidade nos chamou: «Meu filho amado, o meu predilecto, a minha alegria.»

Os enormes poderes do nosso mundo continuam a tentar abafar essas vozes suaves. Mas elas continuam a ser as vozes da verdade. São como as que o profeta Elias ouviu no monte Horeb. Ali, Deus falou-lhe não através da voz de um furacão, de um terramoto ou de um incêndio, mas num murmúrio (1 Reis 19,11-13). Esse som desfaz todos os nossos medos e faz-nos compreender que podemos enfrentar a realidade — sobretudo a nossa própria realidade. Estar em silêncio é a primeira forma de aprender a beber a nossa taça.

A segunda forma de bebermos a nossa taça é com a ajuda da palavra. Não basta reivindicarmos a nossa dor e a nossa alegria em silêncio. Devemos também expressá-las dentro de um círculo de amigos em quem confiemos. Para isso, precisamos de falar sobre o que contém a nossa taça. Enquanto vivermos a nossa verdade mais profunda em segredo, isolados da comunidade de amor, a sua carga será demasiado pesada para podermos suportá-la. O medo de sermos conhecidos pode criar uma contradição entre o que sentimos e o que mostramos em público, e isso leva-nos a sentir-nos indignos, mesmo quando, por outro lado, somos elogiados e apreciados por muitos.

Para nos conhecermos verdadeiramente e reconhecermos a nossa unicidade no caminho da vida, precisamos de ser conhecidos e acolhidos pelos outros tal como somos. Não podemos viver uma vida espiritual em

segredo. Não podemos encontrar o caminho para a verdadeira liberdade no isolamento. O silêncio, se não for seguido pela palavra, é tão perigoso como a solidão sem comunidade. Ambas as realidades têm de estar unidas.

Falar da nossa taça e do que ela contém não é fácil. Exige verdadeira disciplina, porque, tal como queremos fugir do silêncio para evitar a confrontação connosco próprios, também queremos evitar falar sobre a nossa vida interior para não nos confrontarmos com os outros.

Não estou a sugerir que qualquer pessoa que conheçamos ou com quem nos cruzemos deva ficar a saber o que há na nossa taça. Pelo contrário, seria uma falta de tacto, algo imprudente e até perigoso, expor o nosso íntimo a pessoas que não nos podem oferecer segurança e confiança. Isso não cria comunidade; apenas gera intranquilidade mútua e aprofunda a nossa vergonha e sentido de culpa. Mas afirmo que precisamos de amigos que nos amem, que cuidem de nós, que se preocupem connosco, com quem possamos falar com o coração na mão. Esses amigos podem curar-nos da paralisia causada pelo secretismo. Podem oferecer-nos um lugar sagrado e seguro onde possamos expressar as nossas dores mais profundas e as nossas alegrias; e podem servir-nos de ponto de referência, tendo sempre o amor como pano de fundo, empurrando-nos para uma maior maturidade espiritual.

Poderíamos objectar: «Não tenho esses amigos em quem confiar, e não sei como os encontrar.» Esta objecção nasce do nosso medo de beber a taça que Jesus nos pede para beber.

Quando nos comprometermos plenamente com a aventura espiritual de beber a nossa taça até ao fim, descobriremos rapidamente que aqueles que fazem o mesmo caminho que nós nos oferecerão o seu apoio, a sua amizade e o seu amor. Essa tem sido a experiência mais sagrada da minha vida: Deus envia amigos admiráveis àqueles que fazem d'Ele a sua única preocupação. Esta é a misteriosa parábola de que Jesus fala quando diz que, ao deixarmos aqueles que vivem ao nosso lado por causa d'Ele e do Evangelho, receberemos cem vezes mais apoio humano (cf. Mc 10,29-30).

Quando ousarmos falar, desde as profundezas do nosso coração, aos amigos que Deus nos deu, iremos encontrando, pouco a pouco, uma nova

liberdade dentro de nós e uma coragem renovada para viver plenamente as nossas dores e alegrias. Quando acreditamos verdadeiramente que nada temos a esconder de Deus, precisamos de pessoas à nossa volta que O representem diante de nós e a quem possamos revelar o nosso íntimo com total confiança.

Nada nos dará tanta força como sermos totalmente conhecidos e totalmente amados pelos nossos irmãos em nome de Deus. Isso dar-nos-á coragem para beber a nossa taça até ao fim, sabendo que é a taça da nossa salvação. Isso permitir-nos-á não apenas viver bem, mas também morrer bem. Quando estamos rodeados de amigos queridos, a morte torna-se a porta que nos introduz na plena comunhão dos santos.

O terceiro caminho para bebermos a nossa taça está na acção.

A acção, tal como o silêncio e a palavra, pode ajudar-nos a reivindicar e a celebrar o nosso verdadeiro ser. Mas também na acção precisamos de disciplina, porque o mundo em que vivemos nos diz constantemente: «Faz isto, faz aquilo, vai aqui, vai ali, encontra-te com este, encontra-te com aquela.» O estar ocupado tornou-se sinal de importância. Ter muito que fazer, muitos lugares para ir e uma enorme quantidade de pessoas com quem nos encontrar confere-nos estatuto e fama.

Mas ocuparmo-nos tanto pode arrancar-nos da nossa vocação e impedir-nos de beber a nossa taça.

Não é fácil distinguir entre fazer aquilo a que somos chamados e fazer aquilo que simplesmente desejamos. Os nossos muitos desejos podem distrair-nos facilmente da acção verdadeira — aquela que nos conduz ao cumprimento da nossa vocação. Quer trabalhemos num escritório, viajemos pelo mundo, escrevamos ou façamos filmes, cuidemos dos pobres, exerçamos liderança ou desempenhemos funções aparentemente insignificantes, a pergunta não é: «De que é que eu gosto mais?», mas sim: «Qual é a minha vocação?».

A posição mais prestigiosa na sociedade pode ser expressão de obediência ao nosso chamamento tanto quanto pode ser sinal de recusa em

ouvi-lo; e a posição menos prestigiosa pode ser resposta fiel à nossa vocação tanto quanto pode ser fuga dela.

Beber a nossa taça exige uma escolha cuidadosa das acções que nos aproximam de a esvaziar completamente, para que, no fim da vida, possamos dizer com Jesus: «Está consumado» (Jo 19,30). E aqui está o grande paradoxo: enchemos a nossa vida esvaziando-a. Nas palavras de Jesus: «Aquele que quiser salvar a sua vida perdê-la-á, e o que a perder por minha causa encontrá-la-á» (Mt 10,39).

Quando nos entregamos a fazer a vontade de Deus, e não a nossa, depressa descobrimos que muito do que fazemos não precisa de ser feito por nós. Somos chamados a fazer aquilo que nos traz verdadeira paz e verdadeiro gozo. Da mesma forma que deixar amigos por amor ao Evangelho nos trará outros, assim também afastarmo-nos de acções que não correspondem à nossa vocação nos colocará no caminho certo para a cumprir.

As acções que conduzem ao excesso de trabalho, que nos deixam exaustos e desgastados, não podem glorificar Deus. Aquilo que Deus nos chama a fazer, isso podemos fazê-lo — e fazê-lo bem. Quando escutarmos em silêncio a voz de Deus e falarmos confiadamente com os nossos amigos, conheceremos aquilo a que somos chamados e fá-lo-emos com um coração agradecido.

O silêncio, a palavra e a acção são três disciplinas que nos ajudam a beber a nossa taça. São disciplinas porque não as praticamos espontaneamente. Num mundo que nos incentiva a evitar os temas mais profundos da vida, estas disciplinas exigem de nós um esforço contínuo e uma grande concentração. Mas, se escolhermos permanecer no silêncio, se nos rodearmos de um círculo de amigos em quem possamos confiar para falar abertamente, e se empreendermos acções que brotem do nosso chamamento, estaremos de facto a beber a nossa taça, gole a gole, até ao fim.

As tristezas da vida já não nos paralisarão, nem as alegrias nos farão perder o sentido daquilo que devemos fazer. As disciplinas do silêncio, da palavra e da acção centram o nosso olhar no caminho que estamos a

percorrer e ajudam-nos a avançar, passo a passo, até à meta. Encontraremos grandes obstáculos e paisagens magníficas, desertos áridos e também lagos de águas límpidas rodeados de árvores de sombra fresca. Teremos de lutar contra os que querem atacar-nos e roubar-nos. Faremos também amigos maravilhosos. Muitas vezes perguntar-nos-emos se conseguiremos chegar ao fim, mas um dia veremos aproximar-se de nós Aquele que nos espera desde toda a eternidade para nos dar as boas-vindas ao Lar.

Sim, podemos beber a nossa taça da vida até ao fundo e, enquanto a bebemos, Aquele que nos chamou “o amado” antes de nascermos estará a enchê-la com a vida eterna.

CONCLUSÃO

A RESPOSTA

Tenho visto muitas taças: de ouro, de prata, de bronze e de cristal; algumas esplendidamente decoradas e outras muito simples, com formas elegantes e ao mesmo tempo muito sóbrias. Seja qual for o seu material, forma ou valor, todas remetem para o acto de beber. Beber, tal como comer, é um dos gestos humanos mais universais. Bebemos para continuar a viver ou bebemos para acelerar a nossa morte. Quando alguém diz: «Bebe muito», pensamos no alcoolismo e nos problemas familiares que acarreta. Mas quando dizemos: «Gostava que viesses beber algo comigo», pensamos em hospitalidade, celebração, amizade e intimidade.

Não é surpreendente que a taça seja um símbolo tão universal. Abrange grande parte do que fazemos na vida.

Muitas taças falam de vitória: as taças de futebol, de ténis — troféus ardentemente desejados. Fotografias de capitães a erguer uma taça vitoriosa, enquanto os colegas os carregam aos ombros, estão gravadas na nossa memória como recordações da emoção de momentos triunfais. Essas taças falam de sucesso, coragem, heroísmo, fama, popularidade e grande poder.

Muitas taças falam também de morte. A taça de prata de José, encontrada no saco de Benjamim, cheira a tragédia. As taças de Isaías e Jeremias são taças da ira de Deus e da destruição. A taça de Sócrates era uma taça envenenada, entregue para que pusesse fim à própria vida.

A taça de que fala Jesus não é um símbolo de vitória nem um símbolo de morte. É um símbolo de vida, cheia de dores e alegrias, que podemos tomar nas mãos, erguer e beber como uma bênção e como um caminho de salvação. «Podeis beber a taça que Eu hei-de beber?», pergunta-nos Jesus. Esta pergunta terá um significado diferente em cada dia das nossas vidas. Conseguimos acolher com bom ânimo as dores e alegrias que nos chegam dia após dia?

Numa altura pode parecer-nos muito fácil beber a taça, e nesse momento podemos dar um rápido “sim” à pergunta de Jesus. Mas, pouco tempo depois, tudo pode parecer-nos completamente diferente, e todo o nosso ser gritar: «Não, nunca!» Devemos deixar que o sim e o não falem dentro de nós, para conhecermos com mais profundidade o enorme desafio da pergunta de Jesus.

João e Tiago não faziam a menor ideia do que diziam quando responderam que sim. Mal entendiam quem era Jesus. Não o viam como um líder destinado a ser traído, torturado e morto na cruz. Também não imaginavam que as suas vidas seriam marcadas por viagens extenuantes, terríveis perseguições, contemplação intensa ou martírio. O seu primeiro sim, tão fácil, teve de ser seguido por muitos outros sims difíceis, até que as suas taças se esvaziassem por completo.

E qual é a recompensa de uma resposta verdadeiramente afirmativa? A mãe de João e Tiago queria uma recompensa concreta: «Ordena que estes dois meus filhos se sentem um à tua direita e outro à tua esquerda no teu reino» (Mt 20,21). Ela e eles não tinham dúvidas sobre o que desejavam: ambicionavam poder, influência, sucesso, riqueza. Preparavam-se para assumir posições de destaque quando os ocupantes romanos fossem expulsos e Jesus fosse proclamado rei e formasse o seu próprio governo. Queriam ser a sua mão direita e esquerda na nova ordem política.

Mas, apesar dessa interpretação errada, tinham sido profundamente tocados por Jesus. Na sua presença, experimentaram algo que nunca tinham imaginado: algo ligado à liberdade interior, ao amor, à preocupação pelos outros e, sobretudo, a Deus. Sim, queriam poder e influência, mas queriam sobretudo estar perto de Jesus, a qualquer custo.

Ao longo do caminho, foram descobrindo gradualmente a que é que tinham dito “sim”. Ouviam Jesus falar sobre ser servo e não senhor, sobre buscar o último lugar e não o primeiro, sobre dar a vida e não dominar a dos outros. E, a cada momento, tinham de fazer uma nova escolha: queriam continuar com Jesus ou abandoná-lo? Queriam seguir o seu caminho ou procurar alguém que lhes desse o poder que desejavam?

Mais tarde, Jesus lançou-lhes o desafio de forma directa: «Também vós vos quereis ir embora?» Pedro respondeu: «Senhor, para quem iremos? Tu tens palavras de vida eterna. Nós acreditamos e sabemos que Tu és o Santo de Deus» (Jo 6,67-69). Ele e os seus amigos tinham começado a pressentir o Reino de que Jesus falava. Mas a pergunta permanecia: «Podeis beber a taça?».

Disseram “sim” repetidamente. E quanto à questão dos lugares no Reino? Talvez não fossem os lugares que tinham imaginado — mas poderiam estar mais perto de Jesus do que qualquer outro?

A resposta de Jesus é radical, como a sua pergunta: «... mas estar sentado à minha direita ou à minha esquerda não me compete concedê-lo; é para aqueles para quem o meu Pai o preparou» (Mt 20,23).

Beber a taça não é um acto heroico com uma recompensa maravilhosa. Não é o lucro de um contrato. Beber a taça é um acto de amor desprendido, de confiança imensa, de entrega a um Deus que nos dará o que precisamos, quando precisarmos.

A convite de Jesus para bebermos a taça sem nos prometer a recompensa que desejamos é o grande desafio da vida espiritual. Derruba todos os cálculos humanos e expectativas. Desafia todos os desejos de segurança antecipada. Vira do avesso a nossa esperança de um futuro previsível e desfaz todas as nossas autossuficiências e seguranças inventadas. Pede uma confiança radical em Deus — a mesma confiança que levou Jesus a beber a sua taça até às fezes.

Beber a taça que Jesus bebeu é viver uma vida no espírito de Jesus, que é o espírito de um amor incondicional. A intimidade entre Jesus e o Abbá, seu Pai, é uma intimidade de confiança total, na qual não há jogos de poder, nem acordos mútuos de promessas, nem garantias antecipadas. Trata-se apenas de amor — puro, sem restrições, ilimitado, totalmente aberto, totalmente livre. Essa intimidade deu a Jesus a força para beber a sua taça. Essa intimidade tem um nome, um nome divino: o Espírito Santo. Viver uma vida espiritual é viver uma vida em que o Espírito Santo nos guiará e nos dará a força e a coragem para continuarmos a dizer sim à grande pergunta.

EPÍLOGO

UMA TAÇA, UM CORPO

No dia 21 de julho de 1997 completaram-se quarenta anos desde que o cardeal Bernard Alfrink me ordenou sacerdote e o meu tio Antón me ofereceu o cálice de ouro. Na manhã seguinte celebrei a minha primeira missa na capela das irmãs do seminário. Eu estava de pé diante do altar, de costas voltadas para as irmãs, que tinham sido tão boas para comigo durante os meus seis anos de estudos de filosofia e teologia. Li lentamente, em latim, todas as leituras e orações. No ofertório, levantei o cálice com muito cuidado. Depois da consagração, ergui-o acima da minha cabeça, para que as irmãs o pudessem ver. E, durante a comunhão, depois de ter recebido o pão consagrado, bebi dele — eu, o único autorizado a fazê-lo naquela altura. Foi uma experiência íntima e mística. A presença de Jesus era mais real para mim do que a de qualquer amigo. Depois, ajoelhei-me durante longo tempo e senti-me profundamente invadido pela graça do meu sacerdócio.

Durante os quase quarenta anos que se seguiram, celebrei a Eucaristia diariamente, com muito poucas exceções, e mal consigo conceber a minha vida sem essa forte experiência de comunhão íntima com Jesus. É verdade que tudo mudou. Hoje, sento-me à volta de uma mesa baixa, em círculo, com homens e mulheres diminuídos. Todos lemos e rezamos em inglês. Quando os dons de pão e vinho são colocados sobre a mesa, o vinho é derramado em grandes taças de cristal, que eu e os ministros da Eucaristia colocamos sobre o altar. Durante a oração eucarística, o pão e as taças são erguidos para que todos possam ver as oferendas consagradas e experimentar que Cristo está realmente entre nós. Depois, o corpo e o sangue de Cristo são oferecidos a todos sob a forma de pão e vinho. E, quando oferecemos a taça uns aos outros, olhamo-nos nos olhos e dizemos: «O sangue de Cristo».

Este gesto diário tem aprofundado a nossa vida comunitária ao longo dos anos, tornando-nos conscientes de que aquilo que vivemos diariamente — as nossas alegrias e tristezas — faz parte integrante do grande mistério

da morte e ressurreição de Cristo. Esta celebração simples, quase escondida no subsolo da nossa pequena casa de oração, torna possível viver o nosso dia, não como uma sucessão fortuita de acontecimentos e encontros, mas como algo criado pelo Senhor para manifestar a sua presença entre nós.

Como tudo mudou! E, no entanto, tudo permaneceu igual! Há quarenta anos, não poderia imaginar que seria sacerdote da forma como o sou hoje. Mas continua a ser a participação contínua no sacerdócio compassivo de Jesus que faz com que estes quarenta anos se pareçam com uma única e longa, belíssima Eucaristia — um acto glorioso de súplica, louvor e ação de graças.

O cálice dourado tornou-se uma taça de cristal, mas o que contém continua a ser o mesmo. É a vida de Cristo e a nossa vida, unidas numa só. Quando bebemos a taça, bebemos a taça que Jesus bebeu, mas bebemos também a nossa própria taça. Esse é o grande mistério da Eucaristia. A taça de Jesus, cheia da sua vida derramada por nós e por toda a humanidade, cheia com o nosso próprio sangue, tornou-se uma única taça. Quando bebemos esta taça juntos, como Jesus a bebeu, somos transformados num só Corpo de Cristo vivo, sempre a morrer e sempre a ressuscitar para a salvação do mundo.

ÍNDICE

Agradecimentos

Introdução: A pergunta

Prólogo: O cálice e a taça

I. Tomar a taça

1. Tomar entre as mãos

2. A taça da dor

3. A taça da alegria

II. Levantar a taça

4. Levantar

5. A taça da benção

6. Pela vida

III. Beber a taça

7. Beber

8. A taça da salvação

9. Até ao fundo

Conclusão: A resposta

Epílogo: Uma taça, um corpo